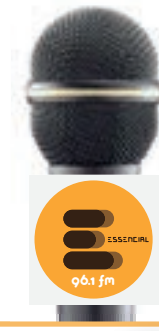
Nova Gazeta

Proibida a venda! Este jornal é GRÁTIS

Quinta-feira 21 de Março 2019 Semanário | **Ano**: 7 | **Edição** Nº 343
Director-Geral: Evaristo Mulaza

96.1 fm



Entre "só quem passa quem sabe" e a "agressão" ao aluno

Reprovação divide educadores

Reprovar alunos que não sabem a matéria divide pais e professores. Há pedagogos que entendem que não se pode penalizar o aluno duas vezes: chumbando e não dando condições para estudar. E há os acérrimos: só deve passar quem sabe. O NG foi apalpar os pulsos de ambas as posições. **Págs. 14 e 15**

Lei à espera de actualização

Posse de terras provoca conflitos

Há lutas, mortes e vários conflitos pela posse de terras, algumas maiores do que municípios. Na disputa, aparecem políticos, militares e empresários. A organização Rede Terra denúncia o 'far-west' em que as comunidades rurais são as mais prejudicadas. O Governo promete fazer a revisão da lei para estar conforme a Constituição. **Págs. 2 e 3**

Ex-atleta queixa-se de dificuldades para viver

Sayovo esquecido

Foto Santos Samuesseca

Retirado das pistas, o atleta, que mais medalhas deu a Angola, sente-se abandonado e confessa até ter dificuldades para comprar combustível. Cego por causa de uma mina, está quase a perder a audição e precisa de ajuda para ser operado no estrangeiro. E só pensa em sobreviver.
Págs. 20 e 21

Irina Vasconcelos:

"A arte é um serviço público"

A 'senhora rock' identifica-se como uma "guerreira" sempre com o pensamento positivo. Quase a lançar mais um disco, confessa-se ao NG e assume ser uma batalhadora pela cultura.
Págs. 20 e 21

Mortes às mãos de polícias

MPLA e UNITA indignados

Os vários casos de polícias a matar pessoas agita o mundo político. Os dois principais partidos defendem mudanças na formação da Polícia Nacional.
Págs.10 e 11

Sociedade

A organização lamenta que a lei que define os preços de acesso à terra não tenha sido aprovada e que se mantenha a de 2007.

Fotos: Manuel Tomás

Rede Terra denuncia irregularidades na ocupação de terrenos

Conflitos na luta pela terra

Lagoas, rios, cursos de rios, terras de pastos, lavras e até cemitérios privatizados são disputados de forma violenta. A Rede Terra garante que há ocupações ilegais em que aparecem envolvidos empresários e políticos. O Governo promete uma nova lei, para breve, para estar mais de acordo com a Constituição.

André Kivuandinga

Lagoas, rios, cursos de rios, terras de pastos, lavras e cemitérios privatizados estão na origem de muitos conflitos, denunciados pela Rede Terra. Nos centros das polémicas e disputas, cabem empresários, políticos e particulares que ocupam vastas terras em proveito próprio, mesmo com pessoas a residirem nelas ou a cultivarem para subsistência. Uns chegam a ocupar terrenos que ultrapassam a superfície total dos municípios, como aconteceu, recentemente, na Huíla.

As províncias que mais registam estes casos são o Cunene, Kwanza-sul, Namibe, Huíla e Bengo. A Rede Terra, que alberga Organizações Não-Governamentais (ONG) que trabalham na defesa e promoção do direito à terra, destaca que as ocupações "cresceram", nos últimos anos. "Os critérios de acesso não são transparentes, atentam contra o ambiente, a qualidade de vida e a organização dos espaços rurais e urbanos", lê-se num manifesto elaborado pela organização, a que o NG teve acesso.

A organização lamenta que a lei que define os preços de acesso à terra não tenha sido aprovada e que se mantenha a de 2007. Para a Rede, isso favorece a "corrupção e a especulação dos preços, em que a população mais pobre é exposta a desigualdades e em áreas de risco".

Algumas lagoas, rios, cursos de rios são "desviados ou

A falta de emprego, habitação, acessibilidade aos serviços públicos, cadeira de rodas, muletas e guia para cegos constituem as principais preocupações da Associação Nacional de Deficientes de Angola (Anda) no Uíge, queixou-se à Angop, o presidente da agremiação, Silva Lopes Etiambulo.

> “Há muitos camponeses que trabalham de forma desprotegida por falta de documentos das terras que cultivam, o que facilita a invasão por parte de fazendeiros.”

Manuel de Carvalho, director Nacional de Gestão Fundiária

vedados, impedindo a população de ter acesso à água, caminhos tradicionais ou para atravessar em outras margens. “As famílias nestes espaços perderam a propriedade sobre o seu património natural e cultural, as suas liberdades de decidir”, lamenta Bernardo Castro, líder da Rede.

A representante da organização ‘Cooperação para o Desenvolvimento para os Países Emergentes’ (Cospe), Miriam Baquim, considera que as comunidades rurais se encontram numa situação de “insegurança” por falta de títulos de posse. O manifesto, elaborado pelos membros, vai ser entregue nos próximos dias ao Governo, através da comissão interministerial para a titulação das terras, com o objectivo que seja uma revisão das políticas de concessão de terras aos camponeses e comunidades rurais.

Bernardo Castro considera existirem diversos constrangimentos no acesso às terras, em que o Governo tem dado um tratamento “periférico” às questões fundiárias. “Não tem prestado a devida atenção”, critica o líder associativo. “Desde 2004 que foi aprovada a Lei de Terras e um regulamento complementar em 2007, as terras rurais comunitárias não foram legalizadas, estão desprotegidas, qualquer pessoa ocupava e vedava os espaços, mesmo com residentes dentro das superfícies”, revela Bernardo Castro, dando como exemplos situações que têm ocorrido no Kwanza-Sul, Benguela, Cunene, Huíla, Namibe e Bengo.

As terras têm proporcionado o surgimento de muitos conflitos que “desembocam em mortes” e muitas denúncias dos camponeses que têm chegado à Rede. Estas queixas são encaminhadas para os órgãos competentes, mas “não deram em nada”, regista Bernardo Castro, mas “os queixosos foram silenciados. “Isso faz com que o sentimento de insegurança das comunidades cresça cada vez mais.”

À Rede ainda chegam denúncias de que há sobas a venderem as terras das comunidades, em “proveito próprio com interesses inconfessos, corrompidos por empresários, políticos, contribuindo para a destruição do património histórico-cultural das comunidades, incluindo cemitérios”

O director da Rede Terra teme que Angola se venha a transformar num Estado de latifúndio como acontece no Brasil, mesmo reconhecendo que existem, no país, “pessoas com vastas áreas de terras, ocupadas de formal ilegal, sem registo. Por isso é preciso que se regulamente o acesso a essas terras. Há angolanos que, em alguns casos, ocuparam espaços superiores à extensão do município”, repete a acusação.

SEGURA, MAS “SEM COMBATER CONFLITOS”

O director nacional da Gestão Fundiária do Ministério do Ordenamento do Território e Habitação, Manuel de Carvalho, lembra que o título de Direito Consuetudinário só garante a segurança, “mas não combate os conflitos de terras”. O responsável salienta que as associações de camponeses e cooperativas poderão receber estes títulos de “forma grátis, os que não estão em nenhuma organização poderão ficar de fora deste processo”.

Os documentos serão dados com base aos planos de desenvolvimento rural, que poderão definir lotes para a agricultura, habitação, construção de infra-estruturas sociais, como escolas, hospitais, esquadras policiais e postos de bombeiros.

Os planos serão aprovados em três níveis. Primeiro, nos municípios, depois nas províncias e destas para o Conselho de Ministros para a aprovação final. “Com estes planos, o Governo pretende acabar com os conflitos de terras”, garante Manuel de Carvalho.

O responsável reconhece que há muitos camponeses que trabalham de forma “desprotegida” por falta de documentos das terras que cultivam, o que “facilita a invasão por parte de fazendeiros, que vedam e legalizam essas terras, como os técnicos não se deslocam ao terreno apenas passam documentos, mesmo com pessoas a produzir nas mesmas terras, situação que poderemos ver ultrapassada proximamente”, prometeu

A Lei das Terras, 15 anos depois de ter sido aprovada, encontra-se em fase de revisão e actualização e poderá ser aprovada uma nova Lei com base na actual Constituição da República.

‘Terra dos milagres’ sem lei

O director executivo da Associação Construindo Comunidades (ACC), com sede na Huíla, Domingos Francisco Fingo, destaca a seca como “a grande dificuldade que as comunidades pastoris na província enfrentam”. A organização solicitou ao governo provincial a legalização de um terreno de 17 quilómetros, localizado no vale do Tchimbolelo. No tempo seco, este terreno contém água suficiente e uma vegetação “apropriada para alimentar o gado”, pelo que ganhou o nome de ‘terra dos milagres’, servindo como zona de pasto dos gados provenientes da Chibia, Gambos, Huíla, Virei, Namibe, Curoca e Cahama, já no Cunene. As reservas de água e de capim sustentam os animais. “Queremos que o governo proteja o mesmo espaço por ser importante para sustentabilidade das comunidades devido à transumância”, afirma Domingos Fingo.

Domingos Fingo, director Executivo da associação Construindo Comunidades

> O responsável destaca que a seca é uma das “grandes dificuldades” que as comunidades pastoris na província da Huíla enfrentam.

Desde 2011 que a organização tem tentado, junto do governo provincial da Huila, a produção de um documento, considerando a superfície como zona de transumância protegida, para evitar a “invasão” por parte dos fazendeiros comerciais, “mas infelizmente não existe interesse por parte do governo em proteger esse espaço”, lamenta Domingos Fingo.

Nova Gazeta
Quinta-feira 21 de Março 2019

Número de óbitos por tuberculose tem vindo a aumentar nos últimos anos

Mais infecções e mais mortes

A tuberculose é a terceira maior causa de morte no país. No ano passado, foram registados mais de 70 mil casos e cerca de 1.500 mortes. As autoridades alertam que os números venham a aumentar, prevendo que neste ano, chegue a cerca de 75 mil casos. Assinala-se a 24 deste mês, o Dia Mundial da Luta Contra a Tuberculose.

● Teresa Fukiady

Nos últimos anos, tem crescido o número de mortes por tuberculose no país. Entre 2013 e 2017, a média foi de 1.300 óbitos, tendo disparado para quase 1.500, no ano passado. Em paralelo, tem também aumentado o número de novos casos notificados. De 2013 a 2018, a média anual foi entre 57 a 60 mil casos. No ano passado, foram 70.362 casos, sendo 8.331 crianças menores de 15 anos.

O chefe de Departamento de Controlo de Doenças da Direcção Nacional de Saúde Pública Pelinganga, Luís Baião, alerta que a tendência é de ano após anos, haver maior número de casos registados. O responsável explica que o surgimento de mais casos poderá estar ligado, por um lado com as condições sociais, e por outro lado, com o melhoramento da cobertura de diagnósticos. "Tínhamos apenas 39 unidades sanitárias a fazerem o diagnóstico. Temos desde o ano passado, uma orientação ministerial para que todas as 2.904 unidades sanitárias do país estejam envolvidas no tratamento, diagnóstico e tratamento", explica. "Vamos ter uma cobertura maior", acredita ao explicar que a cobertura até o ano passado era de 59 por cento.

Dos casos detectados anualmente, cerca da metade abandona os tratamentos, muitas vezes, devido a distância entre a zona de residência e a unidade hospitalar. O médico reconhece a situação e afirma que, a partir deste ano, os serviços estarão mais próximos com o programa do Ministério da Saúde de alargar a cobertura a todas a unidades sanitárias e centros médicos do país.

Pelinganga Baião assegura ainda que os laboratórios estarão nos próximos dias com maior capacitação e preparação para atender os casos de exames de tuberculose. Aguarda-se para até o próximo trimestre a chegada de mais 20 aparelhos genexpert financiado pelo Banco Mundial e que se vão juntar aos outros 27 já existentes e distribuídos em 14 das 18 províncias. O aparelho serve para identificar a resistência da doença. "A ideia é que as unidades sanitárias tenham capacidade para fazer o diagnóstico da resistência da doença".

COM ALTOS CUSTOS

Para este ano, segundo Pelinganga Baião, o orçamento destinado ao Programa Nacional de Combate a Tuberculose é de cerca de seis milhões de Kwanzas, contra os sete milhões de 2018. Considera a verba "insuficiente", tendo em conta os altos custos que cada doente acarreta.

Foto Manuel Tomás

Entre 2013 e 2017, a média foi de 1.300 óbitos, tendo disparado para quase 1.500, no ano passado.

Tuberculose – casos registados

Ano	Casos	Mortes
2013	60.807	1.097
2014	56.716	1.390
2015	61.060	1.219
2016	61.049	1.106
2017	57.887	1.373
2018	70.362	1.477

Fonte: Direcção Nacional de Saúde Pública

Em Angola, a tuberculose é desde 2015 a terceira causa de morte com cerca de 60 mil casos registados nos últimos anos.

Por exemplo, um doente com a tuberculose simples gasta em média 500 dólares para um tratamento de seis meses. Por sua vez, um doente com a tuberculose multirresistente, o custo chega a ser mais elevado: dois mil dólares em cerca de dois anos. "É muito mais oneroso para os cofres do Estado", assegura. "Este dinheiro não chega, se olharmos para o número de casos. Estamos apenas falar de tratamento medicamentoso, temos ainda os exames complementares, a alimentação, suporte vitamínico e outros tratamentos adicionais", reforça.

A DNSP tinha entre 2013 e 2017, uma média de 1.540 casos de tuberculose multirresistente. Em 2018, o número disparou para 8 mil. "É uma situação preocupante", avisa Pelinganga Baião, que justifica a quebra de stocks de medicamentos há cerca de dois anos como uma das razões para o elevado número. "Muitos doentes ficaram sem tomar os medicamentos das fases sequenciais para concluir o tratamento e provavelmente estes estiveram implicados no aumento de números de doentes com tuberculose multirresistente", afirma.

NO TOPO DA LISTA

Angola faz parte do grupo de 30 países no mundo com maior carga de tuberculose. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a infecção é a que mais pessoas mata e está à frente do vírus VIH. Diariamente causa em torno de 5 mil mortes. Em Angola é desde 2015 a terceira causa de morte com cerca de 60 mil casos registados nos últimos anos.

O Relatório Mundial da Tuberculose de 2018 da OMS, alerta que, embora menos pessoas tenham adoecido e morrido por tuberculose em 2017, os países ainda não estão a fazer o suficiente para acabar com a doença até 2030. Segundo o documento, em 2017, Angola investiu cerca de 46 milhões de dólares no combate a doença.

A doença continua a ser uma das 10 principais causas de morte em todo o mundo. Só em 2017, matou cerca de 1,6 milhão de pessoas e estima-se que, 0 milhões de pessoas tenha contraído a doença, incluindo 5,8 milhões de homens, 3,2 milhões de mulheres e mais de 1 milhão de crianças.

LA LIGA EXPERIENCE
GANHE UMA VIAGEM PARA ESPANHA

zap

LaLiga Santander
Experience

S.D. EIBAR VS FCB

VÁ AO ESTÁDIO VER O JOGO
SD EIBAR VS FC BARCELONA.
CARREGUE A SUA ZAP E HABILITE-SE A GANHAR
UMA **VIAGEM PARA DUAS PESSOAS.**

zap LaLiga
CANAIS 25 E 26 HD

QUANTO MAIS CARREGAR MAIS HIPÓTESES TEM DE GANHAR!

CAMPANHA VÁLIDA DE **1 DE MARÇO A 15 DE ABRIL** • REGULAMENTO DISPONÍVEL NO WEBSITE E FACEBOOK ZAP

APOIO AO CLIENTE: LIGUE 935 555 500
apoio.cliente@zap.co.ao (Todos os dias, incluindo feriados, das 7:00 às 24:00)

VISITE-NOS EM: **+ INFO EM:** **www.zap.co.ao**

(re)flexões leigas

O canto e a poesia

Soberano Kanyanga
Escritor

"O metodismo nasceu a cantar", atesta Emílio de Carvalho, no seu prefácio ao hinário Povo Catai! da Igreja Metodista Unida em Angola, 1.ª edição, 1982. Concordo com o bispo e acrescento que os metodistas crescem a recitar. Tal exercício de declamar textos bíblicos e artísticos nas "classes e igrejas" acontece desde pequeno e influencia a trajectória dos indivíduos no que concerne ao "encarar a floresta em vez da árvore", na hora da exposição oral.

De uma turma de LP que ministro num centro de formação, os menos tímidos são aqueles que exercita(ra)m a recitação ou o canto em igrejas, destacando-se os da IMUA.

Lembro-me do dia e mês em que cheguei pela primeira vez a Luanda: 18 de Maio de 1984, fugido de refregas entre militares antagonistas. Meus tios, anfitriões, eram crentes Metodistas, na altura, única em Angola, frequentando, porém, cargos (congregações) diferentes. Ele na Calemba e ela na Moisés, então recém-emancipada da primeira.

Fui, inicialmente, com o tio à Calemba, próximo do 'cemitério novo' ou Sant'ana. Este cargo possuía próximo de casa, no Rangel, a classe João Baptista, no México. Era lá que conheci o velho João Kambundu, de feliz memória, sendo guia o velho Pedro, pai de Keth e Gia Mateus Pedro (meus contemporâneos). Encontrei ainda a família Catumbila, sendo meus coetâneos o Toy e o seu 'puto' Jojó Catumbila. O Jeremias, a Fátima e o Isaías eram já makwenze.

Tendo chegado a Luanda em Maio, a frequência da classe João Baptista não podia ser ainda vésperas de natal, altura em que os meninos e meninas da metodista ensaiam nas classes o programa de Natal, com cânticos e poesia que nos levavam a 'escorregar' pelo corredor ao púlpito. Era característica marcante, e sempre presente nos templos metodistas, o ensino do canto, da poesia e dos jogos orais, quer fosse ou não época de Natal, Páscoa, EBF ou outra data, como foram os ensaios na Central e Bethel, quando do centenário (1985). Os meninos eram chamados a 'seguir a Jesus' como evoca o hino 90 do HPC da IMUA.

Esses ensinamentos transformaram positivamente gerações, incluindo a minha. A escrita, a recitação e a música tornaram-se pontos fortes do 'povo metodista', quer continue ou não frequentando os templos.

E, 35 anos depois, ainda 'oiço' vozes de meninos como a Gia Pedro, Toy Catumbila (Calemba) ou Xico Kitembo e Lurdes (da Moisés, aonde me transferi meses depois) cantando na Escola Bíblica de Férias, ou nos cultos semanais da classe o 'vinde meninos, vinde a Jesus..!'

Foto D.R.

Gazeta Solidário

À espera de uma junta médica

Lucinda Manuel Muhongo, de 21 anos, tem fracturas na perna há seis, resultantes de um acidente. A jovem, que padece de anemia falciforme, recebeu garantias de uma junta médica por parte do Ministério da Saúde, para uma intervenção cirúrgica (transplante do osso) no estrangeiro. O estado da perna deteriora-se com o passar do tempo, apesar do tratamento (curativos) num centro de saúde próximo de casa. Lucinda já perdeu os movimentos nos pés e não consegue levantar-se sozinha. O fixador de Ilizarov, aparelho externo de aço, já não está fixo, pois os ossos estão a fragmentar-se. A jovem vive na BCA, em Viana, Luanda, com a mãe e mais três irmãos. Para sobreviver, a família depende de ajudas.

CONTACTOS
935 87 29 03 – Lucinda Muhongo
990 93 55 80 – Lauriano Muhongo (irmão)

CIDADANIA

Contra a fuga à paternidade

Anteontem, 19 de Março, celebrou-se o Dia do Pai. A data, que varia de acordo com a região, sendo celebrada em Junho em países como a Inglaterra e os Estados Unidos da América, e em Agosto, em países como o Brasil, homenageia todos os anos a figura familiar paterna. Neste dia, é comum, nas rádios, televisões, jornais e redes sociais, reproduzirem-se-lhes mensagens de amor e de carinho. Esta manifestação de afecto, que tem de ser constante, não devendo ocorrer apenas a 19 de Março, é bem-vinda, pois é um gesto de agradecimento que contribui para o fortalecimento da auto-estima de qualquer pai, seja biológico ou adoptivo.

No entanto, o reverso também tem de funcionar. Ou seja, é fundamental que os pais honrem e dignifiquem este 'estatuto', visto que o incumprimento do seu dever poder ter consequências negativas na vida do filho. Por exemplo, entre os '11 Compromissos com a Criança', há, pelo menos, dois cujo pleno funcionamento depende do empenho dos pais: o registo de nascimento e a protecção familiar, pelo que o Governo, em colaboração com a Unicef e a União Europeia, leva a cabo uma campanha visando minimizar os dados do Censo de 2014 que revelam que, no país, apenas uma em cada quatro crianças com menos de cinco anos é registada.

Todos sabemos que há muitos factores que contribuem para a permanência dos números acima referidos. E a fuga à paternidade não precisa de ser mais um deles, pelo que, por dever de cidadania, é uma prática que os pais devem evitar.

Foto D.R.

Projecto 'Meu Padrinho, Meu Mentor' completa três anos

Responsável agastado com falta de solidariedade

O 'Meu Padrinho, Meu Mentor' existe há três anos e é tutelado pelo Instituto Angolano da Juventude. Nomeado no ano passado como coordenador do núcleo, Henrique Mandande Cangari, ou simplesmente Puto Prata, em entrevista ao NG, conta os desafios, dificuldades e os objectivos já alcançados desde a sua nomeação.

Lúcia de Almeida

O projecto, dirigido por Puto Prata, apadrinha mais de 100 crianças carentes.

Foto Santos Samuesseca

O 'Meu Padrinho Meu Mentor' é um projecto social sem fins lucrativos formado por jovens e criado pelo Instituto Angolano da Juventude (IAJ). Trata-se de um projecto de formação, orientação, aconselhamento e sensibilização da juventude pelo envolvimento de jovens fazedores de opinião, na promoção de comportamentos cívicos, éticos e morais, bem como no resgate dos valores da cultura, de paz e de cidadania.

Constituído por um núcleo de mais de 200 jovens, desde jornalistas, músicos, actores, desportistas, docentes universitários, empreendedores, até por jovens que servem de referência para a comunidade onde estão inseridos.

O projecto apadrinha mais de 100 crianças carentes, já gerou 30 empregos e ofereceu mais de 50 bolsas de estudo, só este ano.

Puto Prata, coordenador do projecto, explica que o principal objectivo, enquanto responsável, é ajudar os jovens a travarem o uso excessivo de álcool e de drogas a "recuperarem destes males e mostrar-lhes o caminho certo" para que, nos próximos anos, não tenhamos uma sociedade "mutilada".

O músico clarifica que o projecto não tem orçamento nem recebe dinheiro do Governo e que todas as acções são feitas por meio de doações de empresas, parceiros e "pessoas de boa fé"

As maiores dificuldades consistem na expansão do projecto para outras províncias e na busca de bolsas de estudo. O que o leva a considerar as universidades "muito avarentas" por, muitas vezes, "não conseguirem honrar com os seus compromissos e, em muitos casos, chegam a comprometer-se e depois não cumprem".

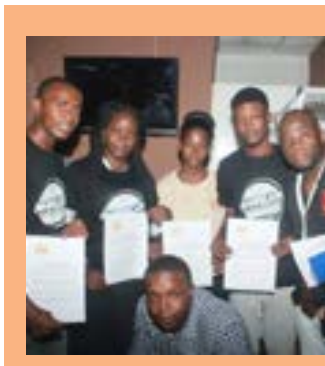
Apesar de estar a gostar da experiência de gerir o projecto, o músico não sabe se vai voltar a candidatar-se a um próximo mandato, pois "tem sido muito trabalhoso e exaustivo" dirigir a iniciativa, sem contar com a falta de vontade e o espírito filantrópico dos colegas. Agastado, aponta o dedo a quem se gaba de ser solidário: "Numa margem de 100 músicos, apenas 10 são solidários, fingem ser na televisão, mas não são".

Por isso, aconselha os artistas a despertarem o lado solidário porque, se "hoje é a Nayol Crazy (ver caixa) a precisar de ajuda, amanhã podem ser eles", concluiu.

Apoiam o projecto o Kibabo, WR, Shoprite e outras.

Espectáculo para angariar fundos

A kudurista Nayol Crazy, autora dos sucessos como 'Kibolobolo' e 'A dança do Chão', que, em 2013, perdeu parcialmente a visão, vítima de uma agressão de marginais no Rangel. O problema agravou-se, o que preocupou os oftalmologistas locais. Em 2015, conseguiu ajuda monetária de artistas que se sensibilizaram e foi à Namíbia obter ajuda especializada, tendo sido diagnosticada com tumores cerebrais. Nayol Crazy precisa de apoio para realizar uma cirurgia. O projecto vai promover um espectáculo com o objectivo de angariar fundos para ajudar a artista, que deverá ser operada na Alemanha. O 'show' está marcado para 6 de Abril, na Cidadela Desportiva, em Luanda, com bilhetes a mil kwanzas.



À procura da menina

Recentemente, Puto Prata partilhou um vídeo nas redes sociais que se tornou viral, em que mostra uma menina obrigada a devolver objectos que tinha alegadamente roubado numa cantina. A menina foi forçada a passar por uma janela minúscula, com uma pequena lata de leite na mão. Prata partilhou o vídeo com intenção de solicitar ajuda dos internautas a localizarem a míuda. Até ao fecho desta edição, ninguém conseguiu dizer a morada nem o paradeiro da pequena, contudo, o jovem apela a quem a encontrar que entre em contacto com o projecto 'Meu Padrinho Meu Mentor' a fim de receber alguns bens angariados.

Política

Casos de agressão e mortes condenados por todos os políticos

UNITA e MPLA propõem revisão na formação de polícias

Políticos condenam a morte que envolvem polícias contra pessoas indefesas. MPLA e UNITA querem ver mudanças na formação dos agentes. O PRS fala em violação de direitos humanos "já antiga".

Foto Mário Mujetes

Em quase todo o país, há relatos de morte que envolvem polícias contra cidadãos e entre colegas.

Miguel Daniel

A morte de Juliana Kafrique, de 29 anos, não é a primeira este ano, em que a vítima, às mãos da polícia, é uma zungueira. O último foi mais mediatizado, provocou tumultos numa das principais avenidas de Luanda e mobilizou figuras políticas e governamentais. Em quase todo o país, há relatos de morte que envolvem polícias contra cidadãos e entre colegas, mas poucos são os casos que chegam aos tribunais, com a excepção do 'caso frescura', em que foram vítimas oito jovens, baleados por sete polícias.

Por exemplo, no dia a seguir à morte de Juliana Kafrique, a Unita tratou de lembrar publicamente outros actos de violência: a 8 de Dezembro de 2018, uma criança de 13 anos foi morta a tiro disparado por um polícia, que pretendia dispersar vendedoras ambulantes na rotunda do Camama, em Luanda. No mesmo dia, Marcelina António, de 47 anos, Dina José, de 20, mãe e filha, foram igualmente mortas por um agente no bairro CAOP-B, em Viana. Já este ano, a 17 de Fevereiro, uma autoridade tradicional terá sido assassinada por efectivos da Polícia Nacional, Kapenda Kamulemba, na Lunda-Norte.

Por isso, a Unita condenou e exortou o Ministério do Interior a rever as formas de recrutamento e a formação de efectivos e a "desenvolver acções de desarmamento das mentes", propondo que, na polícia, "façam parte homens e mulheres com equilíbrio emocional comprovado"."A polícia deve ser parte das nossas casas, ser tratada com confiança e proximidade e não com medo", reforçou o líder parlamentar.

No entanto, Adalberto Costa Júnior sustenta a "importância", como "indispensável na manutenção da ordem e segurança públicas, na estabilidade e na soberania do país".

A vice-presidente do MPLA, Luísa Damião, foi uma das primeiras a reagir: apresentou sentimentos de pesar e repulsa à família de Juliana Kafrique e considerou "repugnante"o acto do agente que, segundo a responsável, "nada justifica provocar a morte de uma cidadã indefesa, com recurso à arma de fogo".

A dirigente MPLA prometeu, em nome do partido, acompanhar a família, sobretudo as crianças, tendo reiterado que se deve repudiar actos desta natureza e acabar com o excesso de força por parte da Polícia Nacional. "Era uma mulher indefesa, logo a polícia não precisava de usar a arma", criticou, lembrando que a lei protege todas as pessoas vítimas de violência, quer sejam mulheres, crianças, adultos e idosos. O mesmo defendeu o secretário para a informação do MPLA, Paulo Pombolo, que admitiu "não haver um partido que goste de uma polícia que age de forma musculada contra o povo que se comprometeu a proteger". Paulo Pombolo vai mais longe e defende uma a revisão dos mecanismos de recrutamento e selecção dos efectivos para a corporação: "os agentes devem passar por uma formação patriótica e cívica para aprenderem a lidar com as pessoas e as coisas".

Para Benedito Daniel, os actos de violação de direitos humanos, incluindo a morte de indefesos pela Polícia Nacional, são recor-

Os apelos do comandante

O comandante-geral da Polícia Nacional, Paulo de Almeida, afirmou recentemente, em Malanje, no encerramento do curso de efectivos provenientes das FAA, que o polícia "deve ser estudioso, alguém em permanente formação, porque um agente despreparado não consegue garantir a plena segurança dos cidadãos e da comunidade".

Paulo de Almeida lembrou que a missão da polícia não se limita a prender criminosos e a combater a delinquência, mas "também educar e proteger". O comandante desencorajou os efectivos a enveredarem por "práticas indecorosas como extorsão, alcoolismo, indisciplina, entre outras acções condenáveis, sob o risco de serem expulsos da PN ou sofrerem outras penalizações".

Paulo de Almeida lembrou que a missão da polícia não se limita a prender criminosos e a combater a delinquência, mas "também educar".

O presidente do Ruanda, Paul Kagame, chegou a Luanda, para uma visita de dois dias, a convite do homólogo João Lourenço, com quem pretende reforçar a cooperação entre os dois Estados.

> O presidente do PRS sugere que se faça um debate nacional, para analisar o posicionamento da polícia sobre o uso da força contra cidadãos.

> "Era uma mulher indefesa, logo a polícia não precisava de usar a arma."

> A polícia deve ser parte das nossas casas, ser tratada com confiança e proximidade e não com medo.

Benedito Daniel, presidente do PRS

Luísa Damião, vice-presidente do MPLA

Adalberto Costa Júnior, deputado da Unita regulamentar

rentes e muito antigos, porque os agentes "foram educados a defender o sistema e não o cidadão". O presidente do Partido de Renovação Social (PRS) sugere que se faça um debate nacional, para analisar o posicionamento da polícia sobre o uso da força contra cidadãos, "a fim de desconstruir a mentalidade dos agentes", sublinhado que "a ordem não se impõe com o uso da força".

ACTOS RECORRENTES

A 1 de Fevereiro último, um jovem não identificado, que exercia actividade de moto-táxi, em Cacuaco, morreu numa unidade hospitalar de Luanda, horas depois de ter sido atingido na região lombar, com disparos de arma por um polícia, que estava colocado na esquadra do bairro Caetano, algures na zona da Vidrul.

Recentemente, um outro jovem Gilberto Kiala foi atingido mortalmente por um agente da Polícia Nacional no Morro Bento, em Luanda. Na altura, o comando provincial assegurava que o agente não teve motivos para balear.

No ano passado, Adolfo da Silva Tchindongo Mucute, de 25 anos, foi atingido na região abdominal com um disparo de arma efectuado por um colega, colocado na Unidade Operativa da Huíla, no bairro da Mapunda.

Em 2016, disparos atribuídos ao comandante da Polícia no Lar do Patriota, em Luanda, vitimaram mortalmente o agente Fernando António, de 43 anos, e deixaram outros dois agentes feridos.

Ainda em Agosto do mesmo ano, três agentes da Polícia Nacional torturaram, até à morte, José Padrão Loureiro, de 40 anos, na 8.ª Esquadra, no Rangel, em Luanda.

Em Julho de 2017, um agente da Direcção Nacional do Serviço de Investigação Criminal (SIC) e dois funcionários da Unitel terão sido mortos supostamente pelo comandante da 24.ª Esquadra do Benfica, que atirou mortalmente contra três amigos que se encontravam numa barraca.

Em 2017, em Cacuaco, seis jovens foram alvejados por supostos agentes dos Serviços de Investigação Criminal (SIC). O mesmo terá ocorrido em Viana, em que a vítima foi um jovem de 20 anos, Victor Andrade. Os familiares alegavam que o mesmo sofria de perturbações mentais.

O Tribunal Provincial de Luanda condenou sete agentes da Polícia Nacional a 24 anos de prisão, pela morte, em 2008, de oito jovens no largo da Frescura, no Sambizanga.

O antigo comandante da Polícia Nacional, em Luanda, Joaquim Ribeiro, foi condenado a 18 anos de prisão, em 2010.

Quim Ribeiro, como era carinhosamente chamado, foi condenado por ter sido mandante da morte de dois polícias, no Zango. Um deles terá revelado que Joaquim Ribeiro se teria apropriado de três milhões de dólares roubados do Banco Nacional de Angola (BNA).

TRANSCOOP
Transportes Rodoviários
AGILIDADE, CONFORTO, SEGURANÇA E EXCLUSIVIDADE

SERVIÇO
PERSONALIZADO COM
CONFORTO E
SEGURANÇA
O TAXÍMETRO SÓ SERÁ LIGADO
NO LOCAL DA CHAMADA

Rua 21 de Janeiro, Bairro Rocha Pinto, Luanda
Call center
(+244) 947 992 829
(+244) 993 091 599
Trabalhamos com multicaixa

Economia

Fotos: D.R.

Gerido pelo grupo Zahara

Nosso Super renegociado

O Governo vai renegociar o contrato de gestão dos supermercados Nosso Super, assinado no final de 2015 entre o grupo Nova Rede de Supermercados de Angola e o grupo Zahara.

O Ministério do Comércio está a avaliar com a entidade gestora os moldes do contrato de exploração, que entrou em vigor em Janeiro de 2016, e que previa um tempo de isenção de pagamentos ao Estado até Janeiro de 2019. Os pagamentos começaram já a efectivar-se, mas o Ministério pretende renegociar o pagamento pela exploração das lojas.

A intenção governamental foi anunciada pelo ministro Joffre Van-Dúnem Júnior. A cadeia Nosso Super faz parte do Programa de Reestruturação do Sistema de Logística e de Distribuição de Produtos Essenciais à População (Presild), lançado em 2007 e concebido com o objectivo de modernizar a rede comercial e criar novas oportunidades de negócios e de emprego.

A rede tem 32 lojas espalhadas pelo país, mas nem todas estão abertas. Segundo o ministro, o objectivo é que sejam abertas em "condições que permitam que a população possa ter acesso aos produtos, com segurança alimentar necessária, para que os preços também sejam mais baixos".

A parceria de gestão das unidades comerciais pelo grupo Zahara surgiu numa altura em que alguns órgãos de comunicação davam conta de situações de despedimentos e de falta de produtos nas prateleiras.

EM CONCURSO PÚBLICO

O Governo pretende remeter a concurso público, este ano, as infra-estruturas comerciais inviáveis, por má gestão ou geridas por entidades que não apresentam garantias para continuar à frente dos projectos.

Os empreendimentos abrangidos fazem parte do Presild e do Programa de Expansão da Rede Comercial (Percom), que integram o Nosso Super, Lojas Palmas, Nossa Quitanda, Paparoca entre outras edificações.

Em Setembro, foi criada uma comissão de avaliação para fazer o levantamento de todas as infra-estruturas do Estado pertencentes ao Comércio para resolver a "confusão dos casos mais conflituosos". Há casos de edificações construídas em propriedades privadas, em que os gestores "nunca pagaram as rendas" e casos de espaços comerciais em propriedade estatal, que as entidades gestoras também nunca remeteram pagamentos ao Estado.

Jofre van Dunem Júnior deu como exemplo o Nosso Centro (no bairro Gamek, em Luanda), que tem um gestor e um contrato vigente. "Vamos avaliar o contrato e as condições e doravante vai ser necessária uma discussão no sentido de que o gestor possa pagar uma renda ao Estado, o que também nunca foi feito. As negociações têm duas vertentes: o Estado ser ressarcido do investimento feito ou o contrato que previa o pagamento de renda ser cumprido", explicou.

A comissão de avaliação apurou que a maior parte das infra-estruturas não estava registada no património do Estado. O que obrigou o Governo a criar uma outra comissão, com membros dos ministérios das Finanças e do Comércio para registar os espaços comerciais. As visitas de constatação em Luanda vão abranger 66 espaços comerciais. Os trabalhos terminam a 10 de Abril.

Por Isabel Dinis

Segundo algumas editoras

Política do "concorrên

Editoras desejam que os escritores sejam legalmente obrigados a abdicar da edição e impressão das próprias obras. Instituto Nacional das Indústrias Culturais assegura que o mercado não precisa de mais regulamentação.

● Antunes Zongo

Algumas editoras querem influenciar as autoridades para alterar o regime regulatório do livro, visando a proibição de edição de obras por parte de escritores e correctores independentes. No entender das empresas, a política nacional do livro e a promoção da leitura e a lei sobre os direitos do autor e conexos, propiciam "concorrência desleal".

Os operadores justificam-se com os custos que acarretam com água, luz eléctrica, impostos e pessoal, sendo que os editores independentes retêm o prémio sem ter de pagar nada ao Estado. Para a publicação de uma obra, sem a chancela de uma editora, o autor tem apenas custos com a produção e beneficia gratuitamente de um número de depósito legal, concedido pela Biblioteca Nacional. Mas a obra jamais poderá ser distribuída fora de Angola, porque a Agência Portuguesa de Editores e Livreiros, órgão responsável pela atribuição do Número de Livro Padrão Internacional – ISBN às obras lusófonas, só atribui o código às editoras associadas.

João Correia entende que o ISBN "não é muito importante para a natureza de alguns livros". O professor de língua portuguesa, por enquanto se recusa a criar uma empresa, compreende que as obras ligadas à política doméstica e desenhos animados não precisem de ter credencial internacional. João Correia regista dois a três pedidos por ano e considera "absurda" a ideia de se proibir escritores de editarem ou de acorrerem a profissionais independentes.

André Mateus, também professor de português, que já desempenhou funções de revisor em diferentes jornais, assegura ser "bastante procurado", mas que nos últimos dias tem recusado, por motivos de agenda. Para editar uma obra, cobra 700 kwanzas por página de estrutura simples e

A ministra das Pescas e do Mar, Maria Antonieta Baptista, determinou, na Caota, em Benguela, o impedimento imediato das obras de um projecto de grande dimensão à beira-mar, avaliado em 30 milhões de dólares, por "incumprimento" de procedimentos legais.

livro provoca cia desleal"

Fotos: D.R.

> **"Uma obra deve ser observada e discutida por um conselho editorial capaz de olhar para o texto e compreender se tem ou não chances de sucesso."**

1.500 kwanzas por estrutura profunda. A definição de preços tem que ver com a qualidade dos textos.

Sandro Feijó, director-geral da Viana Editora, é dos que dá a cara na luta contra os editores independentes. Considera que as companhias se encontram em "estagnação" e aponta a edição independente e a onerosa impressão como responsáveis por isso. O director da Viana Editora, que defende uma alteração do regime regulatório, aconselha os escritores a abdicar da edição das próprias obras ou de procurarem editores independentes, por alegado risco de não tornarem a obra atractiva. Para Sandro Feijó, a edição não pressupõe apenas a revisão, paginação ou criação artística de capa. "A obra deve ser observada e discutida por um conselho editorial capaz de olhar para o texto e compreender se tem ou não chances de sucesso". Para edição de uma obra, a Viana Editora cobra de acordo com a temática e conteúdo, mas, caso o texto lhe suscite interesse, opta por custear todas as despesas, recorrendo a patrocinadores. E retém 60% das vendas.

Em posição contrária, está a Editora Dois03, com presença em Brasília e Luanda. Sérgio Ventura, editor em Angola, embora compreenda que, sem observação profissional, a obra "perde muito na qualidade e acaba por ter uma distribuição deficitária", sublinha que o autor "ganha muito mais" com a edição independente. Quando as editoras se responsabilizam pelos custos, ao autor é entregue apenas entre 5 e 10% do valor de capa. Mas a Editora Dois03, por exemplo, cobra 400 mil kwanzas por edição e atribui 60% do valor caso o autor consiga um patrocinador.

INIC REJEITA

Michel Kanianga, director-geral-adjunto do Instituto Nacional das Indústrias Culturais (INIC), recusa-se a aceitar que haja concorrência entre editoras e escritores e responsabiliza as empresas pelos autores optarem por editar de modo independente. Defende que "não é tarefa do escritor editar a própria obra, mas, se o faz, é porque as editoras inverteram os valores, tornando-se prestadoras de serviço". Na perspectiva de Michel Kanianga, a existência de editoras é cultural, "daí que não devem cobrar ao autor, como o têm feito". O director-adjunto do INIC afirma perceber que as editoras "engajam muitas despesas", com a revisão, capa, produção gráfica e distribuição, mas critica o facto de haver operadoras que "se recusam" a editar textos de autores desconhecidos, por "presumirem" que não serão rentáveis.

Para formalizar uma editora, deve-se constituir uma empresa no Guiché Único de Empresas e atribuir esse sector aos estatutos e, de seguida, solicitar um alvará.

Fotos: D.R.

Projecto substitui 'angola investe'

Bancos reforçam crédito com 589 milhões de dólares

Sindicato de oito bancos nacionais e um internacional, o Banco Mundial, vai apoiar investimento em vários sectores de actividades, com um desembolso em crédito equivalente a 589 milhões USD. Dinheiro é cedido ao abrigo do Projecto de Apoio ao Crédito (PAC) que substitui o Angola Investe+.

Raul Mateus, em entrevista

"É preciso clarificar a legislação sobre a importação da cesta básica"

Presidente da unidade que congrega empresas do comércio e distribuição moderna, a Ecodima, Raul Mateus, é crítico à legislação que define os bens da cesta básica. Para ele, tem de haver definição sobre análise dos produtos "altamente perecíveis". E defende a necessidade de apetrechamento e manutenção dos laboratórios de qualidade em funcioamento.

Fotos: Mário Mujetes

Valor Económico Notícias do Valor Económico todas as segundas

Nova Gazeta
Quinta-feira 21 de Março 2019

Apesar das proibições de países e dúvidas de companhias

Boeing confia que vai manter vendas do 737 Max 8

Quedas de dois aviões num espaço de cinco meses levantam suspeitas à volta do modelo mais vendido da história do fabricante norte-americano. Fabricante acredita no sucesso à volta das encomendas de mais de cinco mil unidades, segundo declaração do director geral da Boeing 737 Max 8 para a África subsariana ao Valor. TAAG considera ser muito cedo para tomar uma decisão.

César Silveira

A fabricante norte-americana Boeing acredita que a crise de reputação que enfrenta, como consequência da queda de dois aviões do modelo 737 MAX 8, num espaço de cinco meses, não provocará pedidos de cancelamento de nenhuma das 5.011 encomendas. Esta é, pelo menos, a convicção do director-geral da fabricante para a África Subsaariana, em declarações ao VALOR. A situação "não terá absolutamente nenhum impacto negativo nas vendas", reforça João Santos. Um ambiente de desconfiança levantou-se à volta do avião que mais vende na história da fabricante, depois da queda do aparelho da Etiópia Airlines no dia 10, cerca de seis meses depois de um outro do mesmo modelo, pertencente à companhia da Indonésia LionAir, por razões aparentemente semelhantes.

E já há, inclusive, possibilidades de cancelamento, como fez a LionAir que, na semana passada, pela segunda vez, admitia cancelar encomendas, depois de já ter feito em Outubro na sequência da queda da aeronave. A companhia encomendou 200 unidades, das quais já recebeu 10 e espera por mais quatro ainda este ano. O CEO, Daniel Putul, levantou algumas dúvidas se vão manter as encomendas ou apostar na Airbus.

Foto D.R.

Desde Maio de 2017, o 737 Max 8 já realizou 240 mil voos, num total de proximamente 650 mil horas.

A Taag também levanta esta possibilidade, mas considera muito cedo para decidir, segundo o CEO, Rui Carreira, lembrando que pelo programa de modernização da frota da companhia "estas aeronaves só têm previsão de chegada depois de 2022. Até lá haverá tempo para muita coisa, inclusive para cancelar, se for caso disso. 2022 não é amanhã".

"É verdade que a Taag está em negociações com a Boeing para a aquisição de aeronaves para modernizar e expandir a sua frota e o 737Max é uma opção. É, neste momento, o avião mais vendido do mundo. Portanto é, aos olhos da indústria, uma boa máquina. Contudo, já teve dois acidentes e isso preocupa-nos a todos. Estamos todos preocupados. Mas ainda não é altura de levantar o alarme vermelho. É apenas caso para ficarmos atentos. Decorrem neste momento as investigações e o que se tem dito e mostrado são apenas especulações", adiantou na sua página do Facebook.

Nos primeiros três dias, depois do acidente do avião da Ethiopian Airlines, que provocou a morte de 157 pessoas, a Boeing perdeu cerca de 30 mil milhões de dólares, com sucessivas quedas nas bolsas.

SUSPENSÃO EM MASSA

Algumas companhias e países optaram por suspender o uso do avião, tendo a Etiópia e a China sido os primeiros. Seguiram-se a Indonésia, União Europeia e os EUA. Também já há operadoras a manifestar a intenção de pedir indemnização à fabricante pelo tempo que não poderão usar os aviões.

Durante a semana passada, a operadora foi obrigada a emitir quatro comunicados, tendo, inicialmente, apostado na estratégia de assegurar que nada mais havia para se melhorar no avião. "A segurança é a prioridade número 1 da Boeing e temos total confiança na segurança do Max. Entendemos que as agências reguladoras e os clientes tomaram decisões que acreditam serem mais apropriadas para os seus mercados domésticos.

Continuaremos interagindo com eles para garantir que tenham informações necessárias para ter confiança na operação de suas frotas", lê-se no primeiro comunicado depois do acidente do dia 10.

No entanto, num segundo comunicado, a companhia prometeu aprimorar o 'software' de controlo de voo, garantindo que vem desenvolvendo desde o acidente de Outubro. "A Boeing tem trabalhado em estreita colaboração com a Federal Aviation Administration (FAA) no desenvolvimento, planeamento e certificação do aprimoramento de software e será implementada em toda a frota do 737 Max 8 nas próximas semanas. A actualização também incorpora o 'feedback' dos nossos clientes."

No comunicado que fez depois da decisão dos EUA, a companhia recomenda "a suspensão temporária das operações de toda a frota global de aeronaves 737 Max".

Segundo dados da fabricante, estão em serviço 370 aviões, distribuídos em 47 companhias e têm pedidos de 106 clientes, num total de 5.011 unidades. Desde a primeira entrega, em Maio de 2017, o 737 Max 8 já realizou 240 mil voos, num total de proximamente 650 mil horas.

Nos primeiros três dias, depois do acidente do avião da Ethiopian Airlines, que provocou a morte de 157 pessoas, a Boeing perdeu cerca de 30 mil milhões de dólares, com sucessivas quedas nas bolsas.

Fotos: Mário Mujetes

Enquadrado nas celebrações das 'Festas do Mar'

Namibe realiza 'Fórum Económico' pelo 2º ano consecutivo

Província pesqueira e de enormes recursos naturais junta, pela segunda vez consecutiva, investidores nacionais e estrangeiros para discutir oportunidades de negócios locais. Co-organizado pelo jornal 'Valor Económico', o evento decorre sábado e conta com presenças de altos responsáveis do Ministério do Turismo.

O Governo Provincial do Namibe realiza, em parceria com o jornal 'Valor Económico', no próximo sábado, o seu 2.º Fórum Económico, um evento que pretende ser regular, visando a atracção de investimentos nos vários domínios para a província.

Denominado 'Fórum sobre Oportunidades de Investimento do Namibe', o certame conta com, entre outros intervenientes, palestrantes nacionais e estrangeiros, para discutirem oportunidades de negócios, o turismo e tecnologias aplicáveis, além do 'investimento nas TIC como determinante do processo de diversificação económica'.

Todos os temas serão debatidos em três painéis e vão estar à condução de "'experts' e operadores nacionais e locais, além da banca", de acordo com a programação a que o NG teve acesso. "As 'Festas do Mar' já são uma tradição do Namibe, constituindo-se essencialmente numa oportunidade para a exposição do vasto património humano e cultural da província, mas também da inesgotável oferta de oportunidades de investimento e de negócio nos mais variados sectores económicos", define a organização, em nota que acompanha o programa.

Já no ano passado, a província acolheu o Fórum Económico, na sua 1.ª edição, em que, durante oito horas, empresários nacionais e estrangeiros, entidades diplomáticas e o governo local, identificaram as oportunidades da província para que se possa atrair investimento privado. "É neste quadro que o Governo do Namibe, em parceria com o jornal 'Valor Económico', organiza o 2.º 'Fórum sobre Oportunidades de Investimento no Namibe', com o propósito de oferecer aos investidores, empresários empreendedores e aos decisores de forma geral uma plataforma de reflexão e de identificação de oportunidades concretas", explica a nota anexada ao programa.

Por Redacção

À EPAL

Estado deve 36.000 milhões de kwanzas

O Estado deve cerca de 36 mil milhões de kwanzas à Empresa Pública de Águas de Luanda (EPAL), mais de metade da dívida total, anunciou a direcção da empresa.

Segundo o director comercial da EPAL, Ângelo Filipe, a dívida acumulada da empresa ascende a 60 mil milhões de kwanzas e, deste valor, 36 mil milhões de kwanzas "são dos organismos do Estado". "Há aqui um problema muito grave que ainda temos de atravessar, porque, se de um lado cobramos, do outro, há entidades que não nos pagam", alertou aquele responsável à RNA, anunciando o início, em breve, de uma campanha de corte de água aos clientes devedores.

Luanda, com mais de sete milhões de habitantes, ainda tem um défice de cerca de 350 mil contadores.

A "primeira preocupação" da empresa, adiantou Ângelo Filipe, é resolver esse défice, referindo que, "hoje em dia, a aquisição e instalação de um contador e a respectiva mão-de-obra custam cerca de 30 mil kwanzas"."Estamos a ver que será um investimento na ordem dos cinco mil milhões de kwanzas e a empresa, por si só, não está, ainda, em condições de o fazer", observou.

"Queremos sustentar a nossa actividade comercial e a nossa rentabilidade financeira para projectos que efectivamente despertem maior acutilância da população entre a produção, estabilização e depois outras acções (…)", apontou.

Apesar das acções da empresa para o fornecimento de água em Luanda, várias zonas da capital ainda não têm acesso à rede pública de água e outras carecem de reabilitação do sistema.

Foto Manuel Tomás

Caderno

Uns entendem que "só passa quem sabe", outros alertam para o perigo de "agressão"

Educadores debatem re

Estudantes, pais e professores dividem-se sobre o procedimento a adoptar com um aluno que, no final do ano lectivo, apresente resultados negativos nas avaliações. Enquanto a maioria sustenta que "quem não sabe deve reprovar", há quem defenda a necessidade de a escola se munir de meios que respeitem as especificidades de cada aluno, argumentando que a reprovação "não é garantia de um novo aprendizado".

Fotos Mário Mujetes

● Onélio Santiago

Um aluno que, no final do ano lectivo, apresente resultados negativos pode ou não pode passar de classe? Para o psico-pedagogo Alfredo Sango, a resposta a esta pergunta "só pode ter sentido único", visto que "quem não aprendeu não pode aprovar", devendo apenas transitar de classe o aluno que reúna requisitos para tal. Doutorado em Psicologia Social, pela universidade espanhola de 'Rey Juan Carlos', Alfredo Sango lembra que cada classe ou ano de escolaridade tem os seus objectivos, sendo a partir daí que se deve aferir se determinado estudante está ou não em condições de frequentar a classe seguinte. Por exemplo, explica este docente do Instituto Superior de Ciências da Educação (Isced) de Luanda, as políticas do Estado prevêem que quem termina o ensino primário, entre outras valências, deve saber ler, escrever e contar, pelo que qualquer aluno que não apresente estas características, dando-se-lhe a oportunidade de passar de ano, está a cometer-se "um atentado".

Entretanto, no processo de ensino-aprendizagem, há factores que, embora possam ser considerados externos, acabam por ter impacto na 'vida académica' do aluno. Alfredo Sango tem consciência disso. O docente até cita os exemplos da eficácia ou ineficácia da merenda escolar e o facto de determinados alunos terem de percorrer longas distâncias para chegar à escola, mas volta a recorrer aos objectivos definidos em cada classe para defender a reprovação de alunos que não tenham obtido avaliação positiva ao longo do ano académico. "Geralmente, é a partir do I trimestre que o professor deve identificar que certo aluno apresenta dificuldades, com vista a corrigi-las no II e III trimestres, prestando maior atenção aos alunos com dificuldades. Feito esse trabalho, se o aluno não melhorar, não há outro recurso. Tem de reprovar mesmo."

Já o conhecido professor Isaac Paxe, que em diversos pronunciamentos públicos se tem manifestado contra a reprovação, chegando mesmo a afirmar que se trata de "um acto de agressão contra a criança", apela a que se comece por analisar em que medida o valor (de 0 a 20) atribuído pelo professor a um aluno, durante a avaliação, representa de facto as qualificações, os conhecimentos ou as habilidades que uma criança tenha desenvolvido durante o processo de ensino e aprendizagem. Doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo (Brasil), Isaac Paxe explica que o "não-aprendizado" de uma criança é sempre mesurado em função das expectativas que os adultos têm sobre as crianças e nunca sobre a forma como a criança se consegue integrar a partir das suas próprias expectativas. "Se temos estudos que confirmam que uma parte dos nossos professores não tem uma performance esperada, porque é que a criança tem de carregar o ônus de um professor não-capacitado?", questiona, citando ainda casos de turmas "pletóricas", em que a excessiva enchente obriga a que um professor, muitas vezes, tenha uma média inferior a dois minutos

> **"O que é que nos garante que o trabalho foi devidamente feito e, no fim, o estudante é que tem de arcar com o ónus?"**

Isaac Paxe, professor

> **"Cada um, a nível da escola, tem a sua missão, sendo a do aluno aprender o que lhe é ensinado pelo professor.**

Pacheco Francisco, secretário de Estado para o Ensino Pré-Escolar e Geral

O Ministério da Educação organiza, a 29 de Março, em Luanda, o 'Jango de saberes e experiências curriculares', uma iniciativa que visa recolher sugestões para o programa de adequação curricular, juntando prelectores angolanos, moçambicanos, brasileiros e portugueses.

provação

para trabalhar individualmente com um aluno na turma. "O que é que nos garante que o trabalho foi devidamente feito e, no fim, o estudante é que tem de arcar com o ónus?", questiona-se.

Nas questões acima colocadas por Paxe, subtende-se que a realidade que toma de exemplo seja a da escola pública. Entretanto, se fosse num colégio da classe A, altamente equipado, com apenas 25 alunos na turma e um professor que tenha obtido avaliação positiva no teste de desempenho? A reprovação deixa de constituir agressão? Isaac Paxe continua a pensar que não e até desafia os 'defensores da reprovação' a questionarem o que os alunos pensam do professor ao qual se atribuiu nota positiva no teste de avaliação de desempenho. "Uma criança que consegue avaliar a escolha para um desenho animado, um jogo da Play Station ou um par de calçados não teria capacidade para avaliar uma pessoa que interage e impacta na sua vida?", volta a questionar Paxe, rejeitando as críticas de quem veja nesta análise mais uma forma de desresponsabilizar os alunos. E, meio a sorrir, Paxe faz o seguinte paralelo: "Pela lei, em Angola, é só aos 18 anos que se atinge a maturidade. Antes disso, não se pode votar, não se pode tomar certas decisões próprias da vida, havendo mesmo casos em que, na escola, o curso que a criança quer fazer tem de ser subscrito pelo pai. Então, porque é que na hora da reprovação, a criança já pode assumir o ónus?"

> "Quem não sabe não sabe mesmo e, portanto, não pode ir para a mesma classe que um aluno que já demonstre outro nível de aprendizagem."

Hélder Silva, presidente da Associação dos Estudantes de Luanda

Apelando a que se avalie sempre o trabalho dos pais, da comunidade, da escola e dos professores no aprendizado dos alunos, Isaac Paxe reforça que a reprovação "não é garantia de um novo aprendizado", pois desmotiva o aluno. O docente defende que a escola, ao invés de olhar para o 'chumbo' como medida contra os alunos que não aprendem, se reinvente, munindo-se de meios técnicos e humanos capazes de atender o aluno nas suas especificidades.

O QUE PENSAM OS PAIS E ALUNOS

Para Hélder Silva, presidente da Associação dos Estudantes de Luanda (APEL), e Manuel Diogo, presidente da Associação Angolana dos Pais e Encarregados de Educação 'Amigos da Crianças' (AAPEEAC), é um "contra-senso" não reprovar um aluno que não apresente habilidades para frequentar a classe seguinte. Embora dirija uma organização que defende os interesses dos alunos, Hélder Silva entende que o debate sobre a "relativização" do 'chumbo' pode "pôr em perigo" o valor das avaliações periódicas previstas em cada ano lectivo. "Está mal, está mal. Quem não sabe não sabe mesmo e, portanto, não pode ir para a mesma classe que um aluno que já demonstre outro nível de aprendizagem", considera.

Estudante de Ciências Políticas na Universidade Agostinho Neto (UAN), Silva vê o discurso reforçado pelo dirigente da associação que reúne pais e encarregados de educação, Manuel Diogo, embora com uma condicionante.

"Desde que se comprove que não é um acto de má-fe, não há crime nenhum um professor reprovar um aluno que, durante o ano lectivo, não tenha assimilado os conteúdos", refere o presidente da AAPEEAC, ao mesmo tempo que alerta os pais para a possibilidade de "recorrer" da nota que o professor atribui ao filho, sempre que suspeitarem que o processo que conduziu à reprovação não decorreu com lisura.

O 'corajoso'

Em finais de 2017, as escolas públicas do Namibe registaram um índice de reprovação que irritou muitos encarregados e as fotos 'avermelhadas', publicadas nas redes sociais, geraram indignação entre os internautas. Na altura, Pacheco Francisco, então director provincial da Educação, era apontado como o principal 'culpado', havendo mesmo quem pedisse a sua exoneração.

Hoje, mais de um ano depois, Pacheco Francisco exerce o cargo de secretário de Estado para o Ensino Pré-Escolar e Geral e, em declarações ao NG, assegura que o que se passou no Namibe foi "mal relatado" pela imprensa televisiva, que alegadamente se limitou a filmar as negativas contidas nas pautas, ignorando as "altas" positivas que também lá estavam. Segundo este dirigente, na altura, soube de casos de alunos que alegadamente tinham acordos com os professores para que estes lhes facilitassem a aprovação. Então, Pacheco Francisco decidiu substituir alguns professores e directores de escola, frustrando assim os alegados 'acordos'.

Sobre o debate 'aprovação vs. reprovação', Pacheco Francisco opõe-se aos que entendem que reprovar um aluno com avaliação negativa é agredi-lo. Lembrando que cada um, a nível da escola, tem a sua missão, sendo a do aluno "aprender o que lhe é ensinado pelo professor", o governante reforça que, em todas as classes, quando o aluno não atinge os objectivos definidos para o nível que frequenta, "significa que não está em condições de transitar para outra classe". Caso contrário, acrescenta Pacheco Francisco, os resultados "vão fazer-se sentir negativamente nas classes subsequentes"

Curiosidades

Entre três e cinco graus até 2050

Temperatura no Árctico vai aumentar

A temperatura no Árctico vai aumentar entre três e cinco graus centígrados até 2050, levando à devastação da região e ao aumento do nível dos oceanos em todo o planeta, estima um relatório apresentando no Quénia.

Segundo o documento, apresentando na IV Assembleia da ONU para o Meio Ambiente, o degelo no Árctico pode causar a emissão de mais gases com efeito de estufa e aumentar a acidificação e contaminação dos oceanos.

Muitas das alterações na região serão irreversíveis e podem afectar a sua população e a biodiversidade, assinalou Björn Alfthan, porta-voz da fundação norueguesa GRID-Arendal, co-autora do relatório, que se baseia em dados do Conselho Árctico, uma organização intergovernamental composta por oito países e vocacionada para o desenvolvimento sustentável e a protecção ambiental da região.

No Árctico vivem mais de quatro milhões de habitantes, dos quais perto de 10% são indígenas que se dedicam a actividades como a pesca, a mineração e a indústria madeireira.

Lusa

Estudo

'Dormir como uma pedra' limpa do cérebro

O 'dormir como uma pedra' parece potenciar a capacidade do cérebro de se livrar de 'lixo' e de proteínas tóxicas, como as que provocam a doença de Alzheimer, concluem cientistas num estudo divulgado recentemente.

Investigadores da Universidade de Rochester, nos Estados Unidos, chegaram a esta conclusão anestesiando ratinhos com drogas que replicam o sono profundo, tendo verificado sinais de actividade cerebral que parecem corresponder ao 'sistema de limpeza' usado pelo cérebro.

O estudo, divulgado na publicação científica Science Advances, reforça, de acordo com os autores, a importância do sono profundo na função de limpeza e desintoxicação do cérebro, que implica um abrandamento da actividade cerebral e cardiopulmonar.

A equipa científica anestesiou os ratinhos com seis drogas e monitorizou a sua actividade cerebral e cardiovascular e o fluxo do líquido cefalorraquidiano no cérebro – este líquido é apontado em estudos anteriores como o agente de 'limpeza' no cérebro.

JN

Abre a mente

Como se chama a presidente da Etiópia, eleita a 25 de Outubro de 2018?
a) Sahle-Work Zewde
b) Dalia Grybauskaitė
c) Barlen Vyapoory

Resposta: A

Quem venceu o mundial de futebol em 1998, em França?
a) Alemanha
b) França
c) Espanha

Resposta: B

O símbolo 'Cavalo Rampante' representa que marca de automóveis?
a) Porsche
b) Lamborghini
c) Ferrari

Resposta: C

Que nome se dá ao petróleo em bruto, antes de ser refinado?
a) Crude
b) Gasoso
c) Betuminoso

Resposta: A

Que nome é dado a um retrato extremamente exagerado de uma pessoa?
a) Retrato
b) Pintura
c) Caricatura

Resposta: C

Professor Ferrão

Evitem-se problemas…

Trata-se de uma avaliação de Português, em que os alunos tinham de fazer, entre outros exercícios, a análise morfológica das seguintes palavras: 'vimos', 'canto', 'rio', etc. Estas não tinham sido retiradas de um texto. O professor pô-las aí e pronto. "Façam a análise morfológica…", lia-se no enunciado.

Recomenda-se, para as aulas de Português e/ou, de modo semelhante, para as avaliações, o uso de textos, a partir dos quais se deverá fazer a análise do conteúdo, das frases, períodos, palavras, etc., num dado contexto. Isto porque uma mesma palavra pode, às vezes, apresentar vários significados e/ou funções conforme o contexto.

'Vimos', 'canto' e 'rio', por exemplo, se não forem contextualizados, facilmente podem criar algum embaraço, por serem palavras homónimas*.

'Vimos' pode representar a forma do verbo 'VIR' (do latim *venīre*), no presente do indicativo, na primeira pessoa do plural: "Vocês vêm à escola a pé?" "Não. (Nós) **Vimos** de táxi".

Outras vezes, '**vimos**' pode ser a forma do verbo '**VER**' (do latim vidēre) no pretérito perfeito simples, na primeira pessoa do plural: "Viram o Paulo?" "Não. Mas **vimos** o carro dele no estacionamento".

'Canto' (do latim canthu) pode ser o substantivo masculino que significa: o ângulo formado pelo cruzamento de duas linhas ou superfícies; uma esquina; no futebol, a falta cometida por um jogador ao atirar a bola para fora; a reposição da bola em jogo: Mantorras cobrou o **canto** com destreza. O armário está no **canto** da sala.

'Canto' (do latim, cantu) pode ser a forma do verbo '**cantar**' na primeira pessoa do singular, no presente do indicativo: "**canto** há dez anos e tenho quatro álbuns"; pode ser um substantivo masculino com o significado de 'emissão de sons musicais, cantiga, etc.: "às manhãs, desperto com o **canto** dos pássaros".

'Rio' (do latim rivu-, latim vulgar riu-) é o nome masculino, que representa o curso natural de água que nasce, em geral, nas montanhas e vai desaguar ao mar: 'o **rio** Kwanza desagua no oceano Atlântico'.

'Rio' (do latim ridēre) é a forma do verbo '**RIR**', na primeira pessoa do singular, no presente do indicativo: '**rio** sempre que oiço as tuas anedotas'.

Quando não se contextualizam as palavras, como no caso da prova de Português, pode haver alguma arbitrariedade. Por isso, análise morfológica só com as palavras na frase ou a partir de um texto, e não de modo isolado.

Facebook

Jornal Nova Gazeta

- Página inicial
- Publicações
- Vídeos
- Fotos
- Sobre
- Comunidade

Criar uma página

Pub

Visite o website: www.valoreconomico.co.ao

Assinaturas:
assinaturas@gem.co.ao
comercial@gem.co.ao

GEM ANGOLA GLOBAL MEDIA, LDA
Contactos comerciais: 941 784 791 (Arleth Lopes), 941 784 792 (Geovana Fernandes)
Rua Fernão Mendes Pinto, nº 35, Alvalade, Luanda/Angola

Pergunta da semana:

Iniciou, recentemente, o concurso público para a admissão de professores no ensino superior. São 1.223 vagas para as universidades públicas. A contratação poderá reduzir a escassez de professores?

Pergunta da próxima semana:

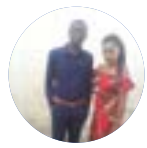
Alguns responsáveis do Ministério da Educação defendem que os alunos do Ensino Primário não devem reprovar. Outros, no entanto, contrariam essa posição. O que acha?

3,7m Comentários

Anthônio Abranthes Miloy-g
1.223 vagas ainda é uma gota para as necessidades de professores no ensino superior. Contudo, devemos louvar a iniciativa. Só esperamos que se prime pela qualidade.

DavexJs
Será uma contratação privada, porque as universidades públicas estão cheias de colaboradores, sobretudo a UJES, faculdade de ciências agrárias.

Carlos Donquel de Jovita
Vai reduzir sim, mas essa redução não será suficiente para colmatar as insuficiências.



Ezequiel Rolinho
Todos auguramos que a admissão de professores no Ensino Superior possa contribuir para a redução, e principalmente melhoria, no sector, desde que apresentem qualidade e competência.

Valdemar da Costa
Poderá, de certa maneira, reduzir a escassez, sabemos que não é possível fazer tudo de uma única vez, por isso é uma iniciativa louvável.

Daniel Rosário
Reduzirá, com certeza, mas isso não basta. Devem também implementar a inspecção e cobrar rigor ao Ministério.

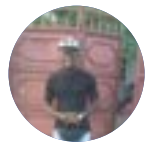
Marcos Evaristoh
Com essas pouquíssimas vagas, de maneira nenhuma vai mitigar a escassez de professores nas universidades públicas. Não é inclusivo nem integradora tal medida.

MickBengui
Se olharmos para o número de candidatos, é elevado, por isso não deveriam reduzir, mas sim capacitar.

John English
Poderá reduzir, mas não vai satisfazer a necessidade de professores no ensino superior. Espero que essa seja a primeira de muitas fases de concurso público.

Jorge Wayá
De modo algum, visto que a demanda estudantil é superior em relação aos docentes, deve priorizar-se os que têm compromisso com a ciência e evitar a turbo docência.

SnowVälëriänöAvilår
Não vai diminuir, este concurso veio ainda complicar a nossa vida. 50 candidatos para uma vaga. Isto é lamentável.



Gilson André GiSeven
Vai reduzir a escassez de professores, mas que não fiquem por aqui e que seja o primeiro concurso público de vários.

Dâmaso Agostinho
Reduzir não é a expressão correcta; parece-me exagerada tal expressão. Contudo, é alguma coisa, se compararmos ao 'nada' que se fez durante todos esses anos.

Luizinho Civilizado
Este concurso veio em boa hora, pois as sondagens mostraram um número excessivo de licenciados desempregados. Vai, sim, reduzir a escassez de professores nas universidades.

Desporto

José Armando Sayovo, ex-atleta paralímpico

De amado a completame

O mais medalhado atleta da história do desporto em Angola queixa-se de ter caído no esquecimento e de sobreviver apenas com um subsídio por ter sido militar. Tem terrenos, mas não consegue fazer nada com eles. Quer montar um restaurante, mas faltam-lhe meios. Já perdeu a audição, mas não tem dinheiro para ser operado no estrangeiro. O que lhe resta é uma taça com o seu nome.

Foto D.R.

Fotos Santos Samuesseca

● Raimundo Ngunza

José Armando Sayovo, de 46 anos, poderia ter um fim trágico, quando, a 25 de Agosto de 1997, o carro em que seguia accionou uma mina. Os estilhaços cegaram-no. Em 1999, trocou a farda militar pelos equipamentos desportivos, marcando assim, o início de uma carreira desportiva coroada de êxitos. Foi na sua residência na centralidade do Sequele, em Cacuaco, em que o antigo velocista e a família receberam o NG num sábado de muito sol e até 'assustava' os transeuntes, convidando a um mergulho na piscina ou praia. Sayovo contínua a ser a principal referência do desporto adaptado em Angola e não é por acaso que existe uma competição de cariz internacional com o seu nome e com direito a verbas cabimentadas no Orçamento Geral do Estado (OGE).

O antigo atleta, que serviu o desporto durante 18 anos, revela que tudo o que possui conseguiu como militar, e do desporto apenas levou para casa "beijos e abraços".

Mas, afinal, a vida de uma das figuras proeminentes do desporto em Angola não tem sido um mar de rosas e ele confessa sentir necessidade de ter apoios para sobreviver. Com um agregado familiar constituindo por mais de oito membros, a maior do atletismo do desporto adaptado na classe T11, cegueira total, sobrevive da pensão que recebe das Forças Armadas Angolanas (FAA) que não consegue cobrir as necessidades diárias da família.

"O que seria de mim, se não fosse militar?", questiona-se Sayovo. Foi obrigado a arrendar a residência que recebeu nas mãos do antigo Presidente da República na Urbanização Nova Vida, em Luanda. O antigo atleta, que serviu o desporto durante 18 anos, revela que tudo o que possui conseguiu como militar, e do desporto apenas levou para casa "beijos e abraços". E sobre a taça que leva o seu próprio, revela nunca ter recebido qualquer subsídio do Comité Paralímpico Angolano (CPA), mas apenas água para matar a sede, quando é convidado. Entende, por isso, que o seu nome tem sido usado de "forma abusiva para o benefício de outras pessoas".

José Sayovo considera-se uma pessoa calma e caseira e sempre ao lado da família. Levanta-se às quatro horas, começando o dia com alguns exercícios físicos de uma hora no pequeno ginásio da sua casa. Depois do pequeno-almoço, acompanha as crianças à escola e, na companhia da esposa, visita a obra que está a ser erguida para servir de restaurante. Mas está meio parada por falta de materiais de construção.

FORÇADO A TERMINAR

A esposa, Arlete Linda, sente que o seu companheiro ainda tem

A selecção nacional de futebol joga amanhã, às 18 horas, diante do Botsuana, em Gaberone, em partida referente à sexta e última jornada do grupo I do apuramento à 32.ª edição do CAN, marcado para 21 de Junho a 19 de Julho, no Egipto.

nte esquecido

Arlete Linda, esposa de Sayovo

vontade de correr, mas que foi "forçado a terminar a carreira, sem que tivesse direito a uma conferência de imprensa para explicar as razões de ter abandonado as pistas. Sayovo conta que foi chamado e informado que não poderia viajar para os jogos africanos do Congo Brazzaville, devendo terminar a carreira, alegando ter a idade avançada e também excesso de vitórias. De acordo com Sayovo, a ideia era encerrar a carreira em 2016 nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro e não em 2012, como aconteceu. "Foi tanto sacrifício para pouco benefício".

PROJECTOS

O antigo atleta revela que dispõe de vários projectos, mas a falta de financiamento obriga a que alguns se encontrem engavetados. O projecto Associação dos Amigos do Sayovo é um que foi erguido. É na Funda, Cacuaco, mas tem âmbito nacional e alberga 280 crianças, 200 das quais portadoras de deficiências e 80 sem deficiência. A ideia é massificar o atletismo e o basquetebol em cadeiras. Criado em 2014, fora de Luanda, Kwanza-Sul, Huíla, Namibe, Kwanza-Norte também tiveram oportunidade de receber as iniciativas desportivas da associação. Para este ano, estão planeadas visitas a mais quatro províncias.

Para tentar dar sustentabilidade ao projecto desportivo, a agricultura também faz parte da lista de prioridades de Sayovo. Dispõe de várias parcelas de terreno no Huambo e no Kwanza-Norte, mas também a falta de apoios e de patrocínios condicionam o arranque. Por isso, o ex-atleta lança um repto aos empresários e particulares para que prestem ajudas, em dinheiro, fertilizantes e sementes. Sem papas na língua, Arlete Linda orgulha-se de ter um marido que "foi e continua a ser o percursor do desporto adaptado em Angola" e entende que o seu companheiro não tem tido a mesma atenção depois de se retirar das pistas. "Está no esquecimento e só se lembram dele quando se aproxima a disputa da taça com o seu nome". Conta que o seu marido não está a usufruir dos benefícios que conquistou durante os 18 anos dedicados ao desporto adaptado. Passa por várias necessidades e até lhe tem faltado dinheiro para comprar combustível para o seu velho carro, uma oferta do antigo chefe do Estado Maior General das FAA. "Isto frustra-nos."

PROBLEMAS DE SAÚDE

Desde 2012 que o antigo velocista está com problemas de audição. Já nas competições, não ouvia em condições os tiros de largada. Após a retirada das pistas, a situação persiste devido a um estilhaço do tempo da guerra que ainda se encontra no ouvido. A família está preocupada, temendo que ele possa perder a audição. Precisa de fazer uma intervenção cirúrgica no Brasil, onde esteve no último tratamento. "Ele já é cego e imagina agora perder audição total…", queixa-se a esposa

Papa-medalha

Nascido em Katabola (Bié), a 3 de Março de 1973, José Sayovo tornou-se no primeiro atleta a ganhar medalhas para Angola nos Jogos Paralímpicos, na Grécia, conquistando três ouros nos 100, 200 e 400 metros, em 2004. Sayovo representou Angola em várias competições internacionais, onde sempre obteve medalhas, o que faz dele o maior medalhista dos desportos adaptados em Angola.

Nos Paralímpicos de 2008, em Bejing, China, foi o porta-bandeira na cerimónia de abertura dos Jogos e conquistou três medalhas de prata, nos 100, 200 e 400 metros. Aos 39 anos, naquele que seria o último Paralímpico de Londres, em 2012, conquistou uma medalha de bronze nos 200 metros e uma de ouro nos 400 metros. Foi medalha de prata no Campeonato do Mundo de Corta-Mato 2000, em Portugal e no Mundial de Atletismo exclusivo a deficientes visuais (IBSA) em 2003, no Canadá. Venceu três ouros e foi recordista mundial nos 400 metros. Além de ter medalhas de ouro, prata e bronze em campeonatos e mundiais de atletismo, disputados na Tunísia, Holanda, Brasil, Marrocos e Turquia.

Por "mau comportamento"

CR7 pode ser sancionado

Depois do brasileiro Neymar Júnior do PSG, agora pode ser o português Cristiano Ronaldo a ser sancionado pela UEFA por comportamento inadequado. No final da partida entre a Juventus e o Atlético de Madrid, em que o primeiro venceu a 3-0, todos marcados por CR7, o internacional português imitou um gesto do treinador do Atlético de Madrid, o argentino Diego Simeone, que simulou agarrar os testículos, no jogo da primeira-mão, em Madrid, depois de um dos tentos dos `colchoneros`. A UEFA abriu igualmente um processo disciplinar contra Simeone, que resultou numa multa de 20.000 euros. Em relação a Cristiano Ronaldo, o comité de ética da UEFA deverá tomar uma decisão ainda esta semana.

Ginástica

Auxílio Jacob deixa federação

No cargo desde 2008, o presidente da Federação Angolana de Ginástica, Auxílio Jacob, anunciou, durante a reunião da assembleia-geral ordinária, na Galeria dos Desportos, em Luanda, que vai deixar o cargo e não se vai recandidatar-se em 2020.

O dirigente, que vai cumprir o terceiro mandato, fundamentou que o seu tempo na gestão da modalidade em Angola terminou, mas pretende deixar o cargo com qualificação de Angola nos Jogos Olímpicos de Tóquio, Japão.

Cultura

Irina Vasconcelos, a voz feminina do rock e jazz alternativo de Angola

"Sou uma activista cultural, batalho pela cultura"

Irina Vasconcelos prepara o lançamento do próximo álbum 'Cai', para Julho. Considera-se uma guerreira positiva. Defende que a arte é um serviço público e que o artista deve trabalhar para a sociedade e não usufruir só do dinheiro dela. Longe de ser uma feminista acérrima, agradece a todas os que já existiram, porque permitiram a sua liberdade existencial e contesta que se usem artifícios para se sentir bela.

Amélia Santos

Fotos: Manuel Tomás

Irina Vasconcelos: "A música é o único fenómeno que nos une pela dança, a ligação entre os africanos é espiritual."

A senhora do rock

Irina Vasconcelos, de 34 anos, actualmente vive com o esposo e os dois filhos na Zâmbia. É mentora da banda de rock Café Negro, fundada em 2008, que foi premiada em 2014 como grupo do Ano no Angola Music Awards, e dos projectos Kianda Soul e Etimba Fest. Tem programado, para Julho, o lançamento da obra a solo 'Cai'. E a 25 de Janeiro de 2020, lançar a 4.ª edição do Etimba Fest, desta vez, em Luanda. Durante quatro anos, foi directora artística do 'Rock in Rio Catumbela'.

Realizar concertos dedicados às mulheres tem algum significado?

As mulheres devem ser celebradas sempre! O facto de existir um dia dedicado à mulher é porque a violência ainda é uma questão que devemos debater e consciencializar. Por causa dos últimos acontecimentos, como o caso da zungueira que foi baleada pela polícia e, como artista, não posso ficar indiferente, devo celebrar as mulheres pelos melhores motivos.

A mulher é o ventre da sociedade que possivelmente não foi educado. Ao longo dos séculos, tivemos exemplos de várias mártires. A educação e a informação estão do nosso lado, devemos reflectir e sempre com uma rosa na mão. A cultura angolana ajuda-nos a celebrar a mulher lindamente.

A realidade actual do mundo, em particular, África e Angola, como as guerras, violações, assassinatos, suicídio, entre outras atrocidades menos boas, inspira-lhe mais pelo apelo à mudança ou cria revolta?

Sou guerreira e um poço de positividade! Sempre que há algo de errado, tenho mais forças para fazer melhor. O continente africano está dividido por três línguas de colonizadores, português, inglês e francês. Mas, entre nós, temos as nossas próprias línguas. A música é o único fenómeno que nos une pela dança, a ligação entre os africanos é espiritual. O mundo está minado com coisas más, mas em sete biliões de pessoas não nos vão dizer que a maldade está a proliferar, nós é que temos de fazer notícias boas.

Apesar de ser uma pessoa muito recta a defender a justiça e a contradizer contra a maldade no mundo, sempre escrevo sobre o amor e a capacitação individual. Tenho notas bibliográficas para exemplificar que é exactamente possível sair do nada e tornar-se o que se pretende.

E como é que se alcança?

Para isso, basta que se incentivem e se cultivem coisas boas. A leitura é muito importante,

O grupo teatral Horizonte Njinga Mbande apresenta, de 22 a 24 deste mês, a peça 'A Sogra', em alusão ao mês da mulher e do pai. A peça é baseada na convivência de um casal que vive na casa da sogra e reflecte até que ponto uma sogra pode interferir na relação. Bilhetes a 2.000 kwanzas.

estar com a família também, e ter uma boa equipa de trabalho que passa motivação. Sou uma pessoa muito abençoada. Se sou a melhor no que faço, no rock e jazz alternativo, é porque o meu país me deu. Adoraria viver mais numa Angola que está na minha cabeça.

O rock e o jazz alternativo são um casamento perfeito ou é um improviso que deu certo?
É o casamento perfeito, porque a música angolana dos anos 1960 e 1970 sempre foi a mistura do rock e o jazz. Na verdade, o rock e o jazz nasceram de África, portanto, se foi um instrumento que deu certo, não sou eu que terei criado (risos). É um fenómeno muito mais ancestral.
Se tirarmos o kuduro do estúdio e retirarmos os 'bits', é música tradicional. O rap, se tirarmos do estúdio e pusermos a tocar ao vivo, passa a ser jazz com lírica interventiva. Normalmente, quem acha estranha a mistura dos dois estilos é a pessoa que se acha muito conhecedora da música, mas não conhece, na verdade. Se fizermos uma catalogação das músicas nacionais, vai dar conta que é sempre rock e jazz alternativo, tudo produto de África.
O meu artista preferido é Artur Nunes. Gosto muito do Filipe Mukenga e Vunvum, inspiram-me muito, porque se percebe que aquilo é rock e jazz alternativo.

E a parceria com a Puro Malte?
Tive o prazer de conhecer no Festival da Cerveja que ocorreu a 30 de Novembro. Eles fazem a cerveja artesanal e desenhámos alguns projectos, na perspectiva de trazer novos talentos musicais e pretendemos lançar em Julho o meu álbum 'Cai' e será também neste espaço.

A sua personalidade pode ser motivo de estudo?
Motivo de estudo deve ser algo que seja sucesso. Não sei como responder a essa pergunta, porque estaria a ser pouco humilde e, à medida que atinjo a maturidade, quero ser mais humilde. A pergunta é muito interessante, mas o facto de não ter resposta, também é um bom indicador. Ainda estudo outras pessoas, mas o que faço é orgânico. O facto de vocês estarem aqui. Gostaria de ser um projecto de estudo. Daqui a 200 anos, quando não estiver, gostaria que, nessa altura, existissem discos meus e bibliografias.

Numa das suas publicações, deixou este recado: "Seja um artista, não seja um 'show off', você não é Deus". Tem presenciado essa realidade em Angola?
Completamente! O 'mainstream' tem a capacidade de massificar o trabalho. Há determinados estilos em que se ouvem cinco artistas e dá a impressão que a música é a mesma, porque o conteúdo não fica marcado na memória do público, porque o artista acha que pode escrever um bocadinho e já o é, daí esse 'post'. A arte é um serviço público. As letras devem ser pensadas, para que fiquem na mente. Em vez de pôr 'aba no rabo, aba no rabo' põe a música da Irina, que fala sobre motivação e esperança. Nós, artistas, não devemos cantar só sobre sexo, carro e traição. Isso não é o nosso maior problema. Devíamos cantar o oposto. Imagine se o 'mainstream' apostasse na música tradicional? Teríamos o hastear a bandeira nacional.

> "O artista deve trabalhar para a sociedade e não para usufruir só do dinheiro da sociedade. Às vezes, há aquele fã que aufere menos que nós, mas tira do bolso cinco mil para assistir a um concerto nosso."

As suas publicações têm muito um pendor educativo e motivacional…
Como existem tantas dificuldades na nossa sociedade, é normal que queiram o imediato e que quase vendam a sua alma por isso, Não o faço e não desejo a ninguém. O artista deve trabalhar para a sociedade e não usufruir só do dinheiro da sociedade. Porque, às vezes, há aquele fã que aufere menos que nós, mas tira do bolso cinco mil para assistir a um concerto nosso. Isso deve ser valorizado! Não posso, de 'pé para mão', fazer letras à toa, porque quem me dá motivação é essa sociedade.

Religião e espiritualidade…
Sou muito espiritual, mas não sou muito das igrejas. O melhor templo de Deus é ter a mente e o coração calmos. A religião é algo que nos está a fazer ficar escravos de algum preconceito. A religião não é Jesus, não é Deus. Acredito efectivamente na espiritualidade ancestral e na irmandade. São as coisas que me governam.

Identifica-se com as correntes feministas?
Não sou acérrima do feminismo, mas agradeço muito a todas as feministas que já existiram neste mundo, porque permitiram a minha liberdade. Se não existissem, não poderia trabalhar, nem votar, seria uma escrava sexual. Sou uma activista cultural, batalho para a cultura. É muito importante o trabalho das feministas, porque dão a cara para a igualdade. Sempre que precisarem de mim, estarei do lado delas.

Até hoje, é a única mulher no rock que tem protagonismo. A que se deve a ausência de outras mulheres?
Tenho a certeza de que existem. O que não existe é a capacidade de termos bandas para elas. O que é necessário que ocorra é que os instrumentistas de outros estilos se predisponham também a aceitar vocalistas de rock, para que essa semântica ocorra. O melhor aprendizado que tive foi com o Café Negro.

Sempre gostou de desafios como a criação da banda 'Café Negro', os projectos 'Música da Banda', 'Kianda Soul', 'Etimba Fest', entre outros. Quais os projectos prioritários para este ano?
Fui mãe pela segunda vez. O meu maior forte é desenhar projectos culturais. A prioridade deste ano é lançar, em Julho, o álbum 'Cai', que vai acontecer na Cervejaria Puro Malte. E, a 25 de Janeiro de 2020, lançar a quarta edição do Etimba Fest, em Luanda, em local a indicar, com entradas gratuitas.

Comente esta frase: "Minha beleza nunca vai ser um empecilho para as pessoas, porque não é nada que me preocupa".
Essa frase pode ser um pouco perigosa, porque a palavra beleza é subjectiva de quem a diz e de quem a vê! A beleza não é algo palpável, é algo que se sente intermitentemente, hoje mais do que ontem. A cada dia, vive-se a beleza. Sou contra as perucas. Prefiro ser uma feia estrábica a ser uma mulher de peruca, completamente fútil e insensível. A beleza é algo que se cultiva naquilo que nós sentimos, não existe beleza constante. Não é só a juventude que é bela! 'Smartphones', unhas postiças, maquilhagem não fazem da pessoa mais do que a outra, que todos os dias chega a casa e lava a roupa. Sempre que sinto que sou menos bonita, todas as pessoas, à minha volta, fazem-me sentir o contrário e retribuo sempre com um bocadinho de humor.

Agenda

Nova Gazeta
Quinta-feira 21 de Março 2019

LUANDA

● **ATÉ 12 DE ABRIL**
Exposição individual de tecelagem e pintura em tecido 'Do Material ao Imaginário', da artista Ana Paula Sanches, no Centro Cultural Camões.

● **21 DE MARÇO**
Lançamento obra 'O Último dos Sonhadores', de Sérgio Fernandes, no Centro Cultural Português, a partir das 18 horas.

● **21 DE MARÇO**
Noite de Humor com Ya Papy e os convidados Jay Oliver, Punchlinero e Mente Magika, na Laasp – ex-Liga Africana, a partir das 19h45. Ingressos a 2.000 kwanzas.

● **22 DE MARÇO**
Concerto de Ndaka yo Wiñy, no Rooftop, a partir das 21 horas. Ingressos entre cinco e dez mil kwanzas.

● **22 DE MARÇO**
2.º Fórum de Desenvolvimento de Negócios, no hotel Trópico, às 14h30. Inscrição a 12.500 kwanzas.

● **22 E 23 DE MARÇO**
Exibição da peça 'Ele Ainda Está Aqui', com texto e direcção de Sílvio Guindane, na Casa das Artes, em Talatona, às 20 horas. Bilhetes a 8.000 kwanzas.

● **29 DE MARÇO**
Duetos n'Avenida com os músicos Dom Kikas e Walter Ananaz, na Casa 70, a partir das 21 horas.

● **29 E 30 DE MARÇO**
Sexta temporada do projecto 'Show do Mês' com a cantora Selda, no hotel Royal Plaza, a partir das 21 horas. Ingressos a 13.000 kwanzas.

● **30 DE MARÇO**
'Workshop' sobre 'Gestão e Organização de Eventos' com o prelector Manuel Fiel, no Camama Tropical, às 9 horas. Ingressos a 2.000 kwanzas.

● **DE 15 A 30 DE MARÇO**
A Alliance Française de Luanda apresenta o Festival da Francofonia com concertos, espectáculos e eventos gastronómicos.

● **2 DE ABRIL**
Lançamento do Livro 'Cassule' de Ella Van-Dúnem, no Centro Cultural Camões, a partir das 18 horas.

● **4 DE ABRIL**
Grande Concerto de Tito Paris, no hotel Palmeira, em Talatona, a partir das 20 horas.

● **DE 25 A 26 DE ABRIL**
2.º Congresso Angolano de Propriedade Industrial, no hotel Epic Sana, a partir das 9 horas. Inscrições a 30.000 kwanzas, até 31 de Março.

● **4 DE MAIO**
Festival Sons do Atlântico com a participação de Anita (Brasil), Liza James (Moçambique), Matias Damásio, Noite e Dia, Paulo Flores, Halison Paixão e outros (Angola), na Baía de Luanda, a partir das 18 horas.

HUÍLA
● **27 DE ABRIL**
Palestra e apresentação do livro 'Seja Feliz no Trabalho', de Nzaquimuena Tumba, pelas 14 horas, na Mediateca do Lubango.

Em alusão ao mês da mulher

Ubuntu homenageia zungueiras

Foto Manuel Tomás

O projecto cultural Ubuntu vai homenagear, a 30 de Março, no anfiteatro da Universidade Gregório Semedo (UGS), em Luanda. a mulher zungueira de Angola no dia da Mulher Africana.

A 15.ª edição dos Diálogos Culturais prevê, entre outras actividades, reflexões sobre a situação da mulher nas sociedades africanas pós-coloniais e aspectos relacionados com o 'mulherismo' e os sistemas matrilineares africanos, predominantes em África. Serão ainda conduzidas reflexões sobre a cultura e como esta pode ser um veículo de resgate dos valores morais e sociais.

Segundo Isidro Fortunato, coordenador do projecto Ubuntu, o ponto central será a recolha de donativos e angariação de fundos para a assistência à família de Juliana Cafrique, a zungueira morta em Luanda, no bairro Rocha Pinto, assim como homenagear as mulheres que perderam a vida em circunstâncias semelhantes.

O evento, direccionado de mulheres para mulheres, servirá igualmente para discutir aspectos do quotidiano da mulher africana e desafios na modernidade, com prelectoras de diversos movimentos sociais.

O evento, com ingressos a 1.000 kwanza, reserva ainda momentos de música, teatro, dança, poesia, entre outros atractivos.

Gente

Neverland mais barato

O rancho que pertenceu a Michael Jackson e que, em 2015, já esteve avaliado em cerca de 100 milhões de dólares, está a ser hoje comercializado a pouco mais de 30 milhões. Segundo a imprensa internacional, o preço baixou depois de o documentário da HBO Leaving Neverland, ter sido publicado, a 3 de Março.

Neverland tem cerca de 1.300 hectares e dispunha de um jardim zoológico e um parque de diversões. Conta com 22 edifícios, a casa principal de 1.110 metros quadrados, seis quartos, piscina, churrasqueira, campos de basquetebol e de ténis, uma sala de cinema com 50 lugares, duas casas de hóspedes de quatro e dois quartos, duas lagoas artificiais e uma via-férrea com estação própria.

Kyle Massey processado

O actor Kyle Massey, de 27 anos, está a ser processado por ter conduta sexual imprópria com menores. Em causa, segundo uma publicação do site TMZ, está o facto de o actor na Disney, da série 'Raven', ter alegadamente enviado a Jane Doe, uma menor de 13 anos, vídeos e fotos de cariz sexual.

'Nós' estreia-se hoje

'Nós' é o novo filme de terror de Jordan Peele, autor do sucesso 'Corra!', que se estreia hoje, 21 de Março, em todo o mundo. Peele escreve e dirige o projecto e é conhecido por ter dirigido o programa de humor Key and Peele ao lado de Keegan-Michael Key, vencedor do Óscar de 'Melhor Roteiro Original' em 2018.
'Nós' tem no elenco Lupita Nyong'o, Winston Duke, Elisabeth Moss, Tim Heidecker, Shahadi Wright Joseph, Evan Alex, Anna Diop, entre outras estrelas.

Biura 'de saída' dos Zona 5

Rumores dão conta que Biura, músico integrante dos Zona 5, poderá afastar-se do grupo, por alegada briga com alguns membros. Os rumores já duram há alguns meses, mas intensificaram-se depois de Biura preparar um trabalho a solo e de ter deixado de seguir a página do quinteto no Instagram.

Nova Gazeta
Quinta-feira 21 de Março 2019

Editorial

Evaristo Mulaza
Director-Geral

Três questões

É preciso que o novo poder entenda, de uma vez por todas, que a credibilidade da iniciativa de recuperação dos activos do Estado, alegadamente na posse de privados, depende necessariamente da transparência com que gere o processo. Restringir a comunicação dos resultados de um pomposo inquérito sobre alegados desvios do erário a uma frase com um número de 4,7 mil milhões de dólares é tudo menos transparente. Ainda que o chefe do Governo - que ordenou a realização do inquérito - decida classificar os factos mencionados no relatório como "chocantes" e "repugnantes".

Foto: Mário Mujetes

Aos olhos dos cépticos, as dúvidas e omissões que se colocam sobre este processo são excessivas para serem simplesmente ignoradas. Porque não se pode perder de vista as fortes suspeitas, cada vez mais generalizadas, de agendas pessoais por detrás de todo o afã justicialista. Aliás, em certa medida, a dimensão dos próprios números apresentados, de forma seca, só reforça as desconfianças da instauração de uma justiça selectiva.

O raciocínio, desde logo, é simples: se é uma verdade incontestável que a elite do poder e uma mão cheia de 'sortudos' enriqueceram à custa do erário, é absolutamente improvável que os alegados desvios se confinem aos 'míseros' 4,7 mil milhões de dólares. Trazer um número destes, após décadas de pilhagem dos recursos públicos, como a súmula do que foi desviado para interesses privados é, no mínimo, a comprovação de que o inquérito foi engendrado com uma missão concreta: legitimar a perseguição contra interesses específicos que o novo poder catalogou como alvos necessariamente a abater.

O Governo tem, entretanto, todas as possibilidades de contestar essas desconfianças. Basta que revele o guião que a equipa de Manuel Nunes Júnior usou para investigar e elaborar o relatório dos mencionados desvios. Por uma questão de transparência e para se aferir a abrangência e a imparcialidade da investigação, a sociedade tem de saber, pelo menos, três questões básicas: 1. Qual é o ano zero que a investigação tomou como ponto de partida? 2. O que se definiu exactamente como desvios do erário? 3. Quem são as entidades, grupos ou negócios que foram investigados? Com apenas essas três respostas, a transparência e a justeza do processo ficam largamente esclarecidas.

Opinião

Pura realidade

Sempre que caem fortes chuvas, vem ao de cima a grande capacidade de empreendedorismo dos angolanos. Ou uma forma de desenrascanço que é bem a imagem da miséria que por aí grassa. A quase tempestade, no final da tarde de um dia desta semana, levou a que alguns taxistas cobrassem uns 'módicos' 500 kwanzas por uma viagem que, diariamente, custa 150. Houve quem não hesitasse em pagar com receio de nunca mais chegar a casa.

A falta de combustível, que a Sonangol ardilosamente designa por "condicionalismo logístico", obrigou a todos os sacrifícios de automobilistas, entre eles, o de pagar 400 kwanzas por litro de gasolina, a jovens 'empreendedores' que tentavam ajudar a aliviar as filas monstruosas nos postos de abastecimento. Lá está o sentido de oportunidade aguçado pela miséria.

As chuvas voltaram a massacrar Luanda e Benguela (e outras províncias), com as mortes que se sabe. Nos últimos quatro anos, indicam dados oficiais, morreram, pelo menos, 100 pessoas só em Benguela, vítimas das tempestades. Outras milhares ainda estão à espera de uma promessa, bem velha já, de que iriam ter casas, nem que fossem provisórias. Já mudaram os governos, o provincial e o central, e está tudo na mesma.

Pelos bairros de Luanda, foi o que se viu, com as redes sociais a transmitir imagens das calamidades. Desta vez, com as águas a 'fatigarem' o que antes não 'fatigavam': os condomínios de luxo e as jovens centralidades, feitas de edifícios novos alguns deles ainda por habitar.

A TAAG foi obrigada a alterar voos porque nos aeroportos de Lubango e Cabinda tem faltado energia, impedindo a circulação nocturna.

A TPA exibe governantes, à média de seis por dia, menos ontem que passaram pelo Telejornal, oito ministros carregados de promessas.

Apesar da intensa propaganda governamental, nada mudou. Ou talvez, algo tenha mudado: estamos a dar passos atrás, exactamente com os mesmos problemas de antes de 2012. Por mais que João Lourenço queira mostrar uma outra Angola ao mundo, a realidade desmente-o. Destapa as fraquezas. Talvez ele agora consiga perceber que não são os discursos e os gestos largos de propaganda que resolvem problemas.

Emídio Fernando
Editor Executivo

Carta ao Director

BURACOS NA VIA

Vivo no bairro Prenda, em Luanda, na rua da pensão Miluna, há mais de 12 anos. E ando muito triste com a degradação daquela via, que, aos poucos, se vai tornando mais esburacada. Nem sei se a estrada vai resistir por mais tempo, pois pioram e impedem a circulação de viaturas, especialmente as ligeiras. Será que a administração do bairro ainda não percebeu? Esperamos pela reparação o mais brevemente possível. Porque, continuar nestas condições, já não dá!

Valdano de Sousa, Luanda

Geralda Embaló
Directora-Geral
Adjunta

Opinião

Agora pergunto eu...

Esta semana, o Facebook foi o palco de uma matança ao vivo programada para exibição e partilha máxima. 50 pessoas foram abatidas por um defensor da supremacia branca em duas mesquitas. Uma figura, que se vê como um herói orgulhoso da sua causa, matou a tiro até um bebé de três anos. A plataforma impediu posteriormente mais de um milhão de partilhas e, na Nova Zelândia, a primeira-ministra disse que a legislação sobre as partilhas 'online' vai ser revista e a da venda e acesso a armas também e, sobretudo que tudo fará para que o nome do individuo não seja famoso que era o que ele mais queria ser. Como o ódio é altamente contagioso, no dia seguinte, na Holanda, morreram três pessoas como retaliação. Em 2017, perderam-se perto de 30 mil vidas para o terrorismo, mas muitas, muitas mais para ódios diversos. A predisposição do Homem para a destruição não cessa em si mesmo e inquina tudo à volta. A natureza continua zangada connosco, à medida que o planeta aquece e riposta ceifando vidas através de demonstrações de força cada vez mais violentas.

'Idai', aquela que está a ser classificada como a pior catástrofe natural do Hemisfério Sul, ceifou a vida a possivelmente mil em Moçambique e estão em risco perto de dois milhões, nesse e nos países vizinhos por onde a tempestade passou, Zimbabué e Malawi. Gente pendurada nos tectos para fugir às águas perigosas, isoladas, sem abrigo, expostas à fome, sede, falta de saneamento, malárias e cóleras decorrentes das águas paradas. Pontes, estradas, comunicações, hospitais e demais estruturas de apoio submersas incapazes de acudir às populações que lutam pela vida. Li algures que todos os bebés num berçário de uma maternidade inundada morreram.

Aqui mesmo, em Luanda e no sul, em Benguela,16 pessoas (números oficiais que podem pecar por defeito) perderam a vida debaixo de chuvas e lamas acompanhadas de detritos, em que casas e postes desabados, veículos e árvores se foram transformando.

Sobre isto pouco se ouviu, talvez porque as chuvas já nos habituaram à perda de vidas, mas sobre a suposta formação académica de um comentador que ontem defendia, com unhas e dentes, a nomeação de Isabel dos Santos para a Sonangol e hoje diz que JES se comportava como se fosse dono do país, muito se continua a ouvir, inclusive de deputados, como se assunto de Estado se tratasse. Triste que a juventude promissora se distraia, nestes e noutros miseráveis dikelengos, e, a título de esclarecimento, já que atrelada à preocupação com as aldrabices alheias, veio a cobrança à classe onde me incluo de uma investigação sobre se os galões de que se gaba. Não é trabalho de jornalista, principalmente em meio de tanta coisa importante para reportar.

A propósito de importante, a Sonangol informou que não há escassez de combustível, isto apesar de os automobilistas andarem de cabeça perdida em filas intermináveis nas poucas bombas que tinham algum na capital e em Benguela. O que há não é escassez, mas um certo condicionamento logístico (que resulta na escassez nos depósitos dos automóveis e geradores de luandenses e benguelences desesperados). Mas é importante diferenciar, assim como é importante realçar, que 'não há fome', mas uma certa malnutrição. A importância da semântica.

Ainda na senda de coisas importantes, os norte-americanos vieram prometer salvar o repatriamento de capitais e as promessas de caça aos marimbondos ganharam novo fôlego sob as qualificações de "nojento" e de "repugnante" do PR dos quatro mil milhões de dólares que a comissão que criou apresentou como desvio do erário público para empresas privadas. Perguntas que descortinem o método eleito para as identificar não faltam, principalmente porque o número é anão, perto, por exemplo, dos 32 milhões que o FMI deu como desviados num passado ainda não tão longínquo e sob a batuta das mesmas figuras governantes, tirando uma ou outra, que compõem a família MPLA e o Governo. Fala-se em reapropriação de empresas privadas, mas e agora pergunto eu: o que iria o Estado, que já sabemos mau gestor e kilapeiro (basta ler o texto sobre a divida à Epal que o seu NG lhe traz esta semana para lembrar), fazer com mais empresas? Não dão estas conversas ares de comunismo? Não fica um bocado a impressão de que se anda sempre com um pé numa e noutra ideologia no que toca à orientação da política macroeconómica? O Estado tem pelo menos 74 empresas para privatizar a breve trecho, mas tem muitas mais decadentes e a precisar desesperadamente de gestão privada e orientada a lucro, resultados e eficiência. Ir agora meter-se a buscar mais, com os riscos de que contribuam para o desemprego, sobretudo jovem, que já é uma calamidade, é assunto?

GEM Angola Global Media

FICHA TÉCNICA

Director-Geral: Evaristo Mulaza
Directora-Geral Adjunta: Geralda Embaló

Editor Executivo: Emídio Fernando
Subeditor: Edno Pimentel

Redacção: Amélia Santos, André Kivuandinga, Lúcia de Almeida, Miguel Daniel, Onélio Santiago, Raimundo Ngunza e Teresa Fukiady
Secretária de redacção: Rosa Ngola
Fotografia: Manuel Tomás, Mário Mujetes e Santos Samuesseca
Paginação: Francisco de Oliveira, João Vumbi e Edvandro Malungo
Correspondentes: Luís Morais (Huíla); Alberto Olímpio (Bié)
Revisores: Edno Pimentel, Evaristo Mulaza e Geralda Embaló

Propriedade e Distribuição: GEM Angola Global Media, Lda
Tiragem: 5000
Nº de Registo do MCS: 644/B/2012
GEM ANGOLA GLOBAL MEDIA, LDA
Administração: Geralda Embaló e Evaristo Mulaza
Assistente: Mariquinha Rego
Departamento Administrativo: Jessy Ferrão, Júnior Manuel, Nelson Manuel, Maria Faustino
Departamento Comercial: Arieth Lopes e Geovana Fernandes .
Tel.: +244941784790-(1)-(2)
N.º de Contribuinte: 5401180721;
N.º de registo: 92/82 de 18/10/82
Tel.: +244 936272323
Telefones: 222 32 05 10, 222 320511, Fax: 222 32 05 14,
E-mail: redacao@novagazeta.co.ao /novagazetadirector@gmail.com / jornalnovagazeta@gmail.com
Endereço: Rua Fernão Mendes Pinto, n.º35, Alvalade, Luanda/Angola,

Frases

Isabel os Santos, empresária
"Março é o mês da Mulher. É um mês de reflexão sobre as mudanças que estamos a assistir em todo o mundo e trazer as melhores práticas para o nosso país. Vemos mulheres em todo o mundo a terem um papel determinante na conquista da paz."
Instagram

Ivo Traça, treinador adjunto do 1.º de Agosto
"O adversário apresentou-se de forma aguerrida e criou-nos muitas dificuldades. Sabíamos das dificuldades que iríamos enfrentar. A equipa teve de se empenhar e marcar o golo da vitória. Por isso, o importante foi a conquista dos três pontos. Agora vamos pensar no próximo desafio diante do Progresso Sambizanga."
Angop

Karina Barbosa, empresária
"Infelizmente, devido à grande crise económica que o país está a enfrentar, houve muitos criadores que não tiveram condições para fazer a sua colecção. Alguns não conseguiram reunir recursos, apoios, parceiros e até patrocínios para estarem connosco este ano."
Sapo

Onofre dos Santos, juiz jubilado do Tribunal Constitucional
"Os crimes modificaram-se um pouco, passaram a ter outras qualificações e os juízes têm de estudar bem para aplicar essa justiça."
Jornal de Angola

Cândida Teixeira, ministra da Educação
"Há, de facto, um grande empenho dos professores e dos alunos, mas as condições de trabalho não permitem fazer muito mais."
Angop

2.º FÓRUM

"OPORTUNIDADES DE INVESTIMENTO NO NAMIBE"

O Governo Provincial do Namibe organiza o 2.º Fórum "Oportunidades de Investimento no Namibe, face aos Desafios da Diversificação Económica".

23 de Março de 2019

Enquadrado nas comemorações das 'Festas do Mar", o certame, direccionado a empresários, investidores e a interessados em geral, será uma oportunidade ímpar para o conhecimento das potencialidades existentes na província e da abertura das autoridades angolanas ao investimento, face aos desafios do crescimento e do desenvolvimento económico e social.

244 923 768411 / 923 156812 geral.forumnamibe@gmail.com

Academia de Pescas e Ciências do Mar NAMIBE-ANGOLA

Parceiros: Valor Económico · Nova Gazeta · antime

Patrocínio: Soronel